



BRASIL AGORA

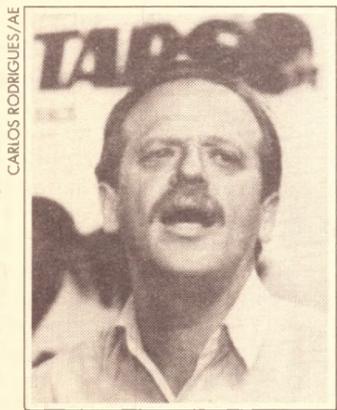


ANO II Nº 28

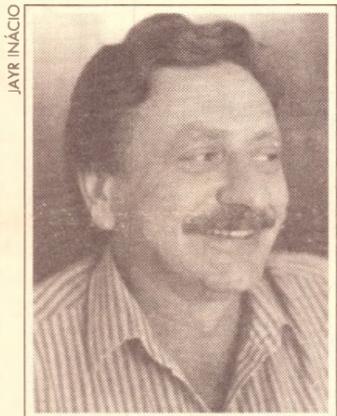
23 DE NOVEMBRO A 06 DE DEZEMBRO DE 1992

CR\$ 11.000,00

ETA TREM BÃO TCHÊ



Tarso Genro, Porto Alegre



Darci Accorsi, Goiânia

O PT vence o 2º turno em Belo Horizonte, Porto Alegre e Goiânia. E também em Santos, Londrina, Ribeirão Preto, São José dos Campos.

PÁGINAS 7 A 15



MAX SANTOS

UMA LUFADA QUE ABALOU O PT

A direita vence a eleição nas duas maiores cidades do país

PÁGINAS 4 A 6



Patrus Ananias, Belo Horizonte

PARA SUPPLY

Como simpatizante do PT, participei da campanha de Supply. Espero que minhas observações críticas contribuam para as próximas batalhas eleitorais do partido:

1. A cada eleição, a lembrança da ditadura militar fica mais diluída na cabeça da população. Esse processo - tão natural como o nascer do dia ao fim de cada noite - se acentua com a constatação de que o regime democrático em nada melhorou a vida da maioria. O tema do "filhote da ditadura" tende, assim, a ter cada vez menos relevância eleitoral (o que não quer dizer que deva ser esquecido por completo).

2. Segurança é um anseio fundamental (e legítimo) de toda a população, principalmente das camadas mais pobres, as maiores vítimas da violência. A bandeira do combate ao crime deve deixar de ser um monopólio da direita. Sem abrir mão da defesa dos direitos humanos e da convicção de que a origem da delinquência é a miséria, o partido precisa ter respostas à crescente intranquilidade da população com a falta de segurança.

3. Fui testemunha, na campanha eleitoral em São Paulo, de cenas de sectarismo explícito da militância petista. É necessário saber distinguir o candidato da direita de seus eleitores - e respeitá-los, se é que queremos reconquistar seus votos em eleições futuras. O mesmo vale em relação aos religiosos pentecostais. Ridicularizar os crenes ou fazer paródias de seus hinos, como presenciei em alguns lugares da periferia, só ajuda a afastá-los ainda mais.

IGOR FUSER
São Paulo, SP

O COLECIONADOR

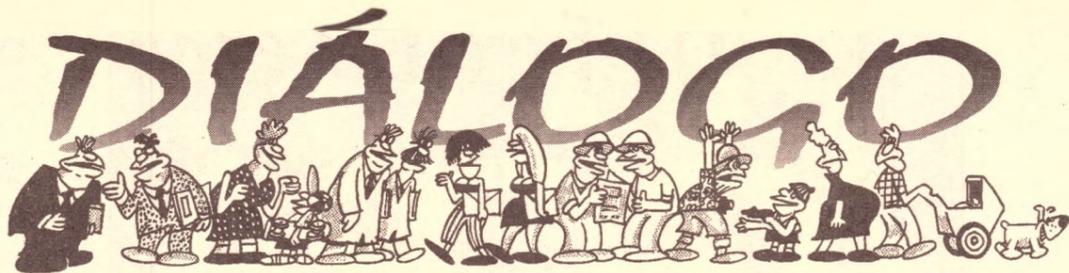
Sou assinante do **Brasil Agora** e venho colecionando-o desde o primeiro número. Creio que ele é, hoje, um fato importante na história do PT. Um jornal que sabe manter sua independência e, ao mesmo tempo, um vínculo com a militância. Considero uma pena nós não termos conseguido sensibilizar os Diretórios Municipais a implementarem a sua venda.

Gostaria de sugerir para os próximos números uma avaliação mais detalhada e política das eleições municipais no que diz respeito ao legislativo. Outra sugestão: seria importante o jornal dedicar maior espaço, de forma organizada, à situação latino-americana (momento atual, história, literatura e lutas).

JOSÉ HELENO FERREIRA
Divinópolis, MG

PETISTA INDIGNADO

Em 1989, no auge da campanha presidencial, eu morava na cidade de Paramirim (RN), a 16 km de Natal. Nessa época



COMPANHEIRO LEITOR, COMPANHEIRA LEITORA

Desde o nascimento de **Brasil Agora**, acalentamos a idéia de fazê-lo um semanário. Assim poderíamos acompanhar mais de perto a conjuntura política do país e ainda dinamizar a nossa linha editorial, tornando **Brasil Agora** mais efetivo na luta por uma informação segura, precisa e independente, aliada das lutas dos trabalhadores brasileiros. Estamos dispostos a dar este salto - para o semanário - em 1993. Precisamos, para isso, de no mínimo 12 mil assinaturas estáveis: atualmente contamos com 5.600. E precisamos, sobretudo, da sua participação neste processo, ajudando-nos a formular o projeto de um jornal avançado, de qualidade, democrático, arejado, divertido e combativo. Não é pouco, como ambição. Mas é demais: sem um jornal de alcance nacional, com essas qualidades, as lutas populares e democráticas em nosso país ficarão mais difíceis, para todos nós. Propomos que você tome meia hora - ou uma no máximo - de seu precioso tempo, e nos ajude nessa luta, respondendo às questões abaixo, do modo que achar melhor. Envie sua resposta para **Brasil Agora** - Al. Glete, 1049 - CEP. 01215-001 - São Paulo - SP

1. Que temas ou assuntos um **Brasil Agora** semanal deveria privilegiar?

2. O jornal deveria continuar a manter o formato atual? Ou deveria mudar de formato para *standard* (tipo **Folha**, **Estado**, **JB**)?

3. Que tipo de campanha deveríamos fazer para chegar ao mínimo de 12 mil assinaturas?

4. O que você acha da idéia de haver encartes regionais no jornal?

5. O que você gostaria de ler no **Brasil Agora** e não está lendo?

6. Que colaboradores você gostaria de ler, e não está lendo?

7. Que assuntos o jornal já trata, mas que deveriam ter mais espaço?

8. Você acha o jornal muito caro, caro, um pouco caro, barato, muito barato? Por quê?

9. Você assinaria um **Brasil Agora** semanal? Com que alterações?

Responda as perguntas que achar relevantes. E acrescente os comentários que achar pertinentes.

(agosto daquele ano) nascia meu filho e pouca atenção pude lhe dar por estar tão envolvido na "onda" do Lula-lá. Convivi com militantes anônimos que faziam do seu tempo livre um momento de trabalho árduo para a nossa "estrela" brilhar alto. Foi um período de noites longas e mal dormidas, mas de belos sonhos.

No primeiro comício do Lula, em Natal, ainda no primeiro turno, tinha cerca de 20 mil pessoas e a mobilização antecedeu uma enorme carreta preparada com simplicidade, mas por gente que não temia ser feliz. A vontade de construir um **Brasil** centrado em novas relações sociais era muito forte e nós acreditamos nela.

Hoje, por força do trabalho que desenvolvo, moro temporariamente em Duque de Caxias (RJ) e fico indignado quando alguns daqueles militantes, que tanto trabalharam na campanha presidencial, me procuram para dizer que o Lula e outras lideranças nacionais do PT desrespeitaram a decisão do Encontro Municipal do partido, em Natal, e apoiaram abertamente o candidato a prefeito Aldo Tinoco (PSB). O PT local decidiu pela neutralidade do apoio, afirmando que nenhuma das lideranças do partido deveria tomar posição por qualquer dos candidatos durante o 2º turno da eleição.

Indigna-me saber como certos "figurões" do partido passam por cima das instâncias partidárias com tanta facilidade e que estejam mais próximos dos "capos" da direita do que de nossos militantes de base! Indigna-me ouvir falar de "concha-

vos" e negociatas em função das eleições presidenciais de 1994!

Indigna-me um PT que quer chegar lá sem se importar como. Afinal, "os fins justificam os meios" ...!

Indigna-me ver companheiros(as) que carregaram o partido nas costas no seu dia-a-dia, desanimados, tristes, falando em pedir desfiliação, desrespeitados por não terem sido "politicamente corretos".

Indigna-me saber que algumas das nossas lideranças em Natal estão quietas, vendo a banda (ou o trator?) passar. Não se pronunciam, não tomam posição, ficam em cima do muro num silêncio cúmplice (ah! essa é uma questão para ser resolvida internamente).

Deixo claro que não pertencço a qualquer das tendências do partido, já que a moda agora é botar toda a culpa nas correntes de pensamento... A minha indignação é de quem ajudou a construir o PT, de quem dedicou parte da vida a esta tarefa.

Talvez por tudo isso tenha resolvido escrever esta carta. Não tenho o que temer, nem a quem agradar. Sei que os tempos mudaram, vivemos um período de grandes transformações no mundo do trabalho e o partido precisa se adequar a esta nova realidade. Não falo disto, falo de princípios, de postura e coerência política, de democracia e de ética. O PT já foi assim: combatia os vícios dos partidos tradicionais, com uma prática que não deixa margem a dúvidas.

Naquele tempo, não precisava gritar pelos quatro cantos que a honestidade tem cara, porque a nossa prática política falava e tes-

temunhava isso. Hoje, bem, hoje talvez estejamos no início do fim.

HAROLDO GOMES DA SILVA
Duque de Caxias, RJ

DESVAIRADOS

A vitória de Paulo Salim Maluf no segundo turno das últimas eleições para prefeito de São Paulo tem razões que até muitos malufistas desconhecem. Outras boas razões já existem para tristeza de todas as pessoas bem intencionadas de nossa "Paulicéia Desvairada", mesmo antes de o novo alcaide assumir a prefeitura: ele acaba de declarar que quer dez mil menores trabalhando como guardadores de carros nas ruas de São Paulo! O senhor Salim se esquece de que isso corresponde a oficializar a marginalia para nossas crianças. Lugar de criança é na escola e não nas ruas recebendo propinas para guardar "carrões" dos donos do poder. Já vai começar muito mal. Eis a primeira grande razão para muita tristeza dos que ainda têm alguma vergonha na cara.

Mas vamos a algumas das causas que deram vitória ao sr. Maluf.

- Muitos trabalhadores brasileiros continuam na mais profunda ignorância e até ingenuidade. Chegam mesmo a ter pena do patrão em algum momento. Alguns operários acham até que nasceram para passar fome.

- Professores municipais, mesmo ganhando o dobro dos estaduais, votaram em Maluf embora sabendo que ele "arrasou" o salário dos professores quando foi governador.

- Professores estaduais, mesmo ganhando a metade do que

ganham os municipais, votaram nele, manifestando um incrível sadomasoquismo. O pior: através dos alunos fizeram a cabeça dos pais, favorecendo o sr. Salim.

- A Frente Democrática, que apoiaria o candidato do PT, Eduardo Suplicy, não funcionou como deveria. Não passou de um simulacro.

- A chamada grande imprensa se manteve reacionária. Afinal de contas, os donos e grandes jornais também são patrões e, dificilmente, apoiariam o PT.

- O sr. Maluf mudou de tática durante a campanha. Escondeu um pouco a cara, apelou para as emoções etc e tal. Reconheceu que a cara realmente não ajuda muito.

- Outra das razões da vitória de Maluf veio da atitude dos ambulantes e marreteiros. Explicando: muito maternalmente, Erundina permitiu que eles ocupassem quase todos os passeios de nossas ruas. Sujaram, emporcalharam nossa cidade, provocaram a ira dos pedestres etc. Porém, na hora do voto, tudo indica que votaram no sr. Salim. Aliás, o nome Salim por si só já sugere comércio formal ou informal. Tem muito a ver.

- As denúncias de corrupção contra o sr. Maluf inexplicavelmente não causaram mais efeito. Vale lembrar que uma pesquisa do Datafolha constatou que 17% dos eleitores dele reconheceram que ele é mais desonesto: Aí vem a pergunta inevitável: que se pode esperar de um eleitor desses?

- A Câmara Municipal foi de maioria oposicionista à administração Erundina. Só cedeu quando a prefeita mobilizou a comunidade. Por exemplo, a Câmara aprovou contas da Prefeitura até com parecer contrário do Tribunal de Contas do Município.

- E por falar em Câmara Municipal, vale lembrar que ela naturalmente se vingou. Não como um todo, mas alguns de seus membros que passaram maus momentos quando Suplicy foi presidente e denunciou algumas "maracutaías" confirmadas através de parecer do vereador Arselino Tatto, do PT.

- O eleitor quase não lê jornal. Mesmo a imprensa reacionária às vezes fornece valiosas informações sobre a vida dos candidatos.

- A administração Erundina não divulgou melhor, a grandeza de sua obra, em particular relacionada com a "arrumação de casa" e com a transparência de seus atos.

- Muitos militantes não defendem o partido nem mesmo quando estão no poder. Uma pesquisa confirma facilmente esta afirmação. Ou seja, existem militantes que nem sabem por que e para que estão no partido. Mas é melhor vermos no que vai dar a nova administração paulistana.

O sr. Salim já disse que vai aumentar o efetivo da Guarda Municipal Metropolitana para dez mil agentes. Esperemos que não seja para responder às vaias que seguramente vai ter de enfrentar, como aconteceu na Freguesia do Ó em passado bem recente.

JOSÉ CORDEIRO MISSENO
São Paulo, SP

ERRATA

Duas matérias publicadas no último **Brasil Agora** não foram creditadas: Maria Lucília Ruy escreveu a matéria sobre Diadema; Valter Pomar escreveu a matéria sobre Volta Redonda.



DIRETOR: JOÃO MACHADO. EDITOR: RUI FALCÃO. REDAÇÃO: ANTONIO MARTINS, FLÁVIO AGUIAR, JUAREZ GUIMARÃES, MOUZAR BENEDITO, VALTER POMAR. SECRETARIA: ADÉLIA CHAGAS. SUCURSAL RIO GRANDE DO SUL: LUCIANE FAGUNDES, JOSÉ LUIZ LIMA E MARCO ANTONIO SCHUSTER. COPIDESQUE E REVISÃO: CELSO CRUZ. DIGITAÇÃO: ELIZABETE D. DA SILVA. EDITORAÇÃO ELETRÔNICA: CACO BISOL, SILVANA PANZOIHO E JOTA MARANHÃO. PRODUÇÃO GRÁFICA: FABIANO CIAMBRÁ. COLABORADORES: ALAN RODRIGUES, ALÍPIO FREIRE, ALOÍSIO MORAIS, ANDRÉ SINGER, ANTONIO CARLOS FON, ANTONIO CARLOS DE QUEIROZ, CLOVIS CASTRO, BERNARDO KUCINSKI, BRENO ALTMAN, CARLOS E. CARVALHO, CELSO HORTA, CELUS, CINTIA CAMPOS, CLÁUDIO SCHUSTER, DENISE NEUMANN, EDMILSON DE SOUZA, EMIR SADER, EUGÊNIO BUCCI, FERNANDA ESTIMA, FERNANDO PAIVA, FLAMARION MALUÉS, FLÁVIA DE SAMPAIO LEITE, FLÁVIO LOUREIRO, DA COSTA, GENARO URSO, HELIO SILVA, HUGO SCOTTE, IVAN SEIXAS, ISAAC AKCELRUD, JOÃO ANTONIO, JOSÉ AMÉRICO DIAS, JOSÉ ROCHA, JUSTINO PEREIRA, KIPPER, LINETE MARTINS, MANOEL ALVAREZ, MÁRCIA BRAGA, MÁRCIA MOREIRA, MÁRCIO BUENO, MÁRCIO VENCIGUERRA, MARCO AURÉLIO GARCIA, MARCOS SOARES, MARIA LÚCIA BRANDÃO, MARIO AUGUSTO JAKOBSKIND, MARINGONI, MARISA MELIANI, MARIZA DIAS COSTA, MIADAIRA, MILTON FOGO, NELSON RIOS, NILMÁRIO MIRANDA, NORMA SUELI O. REIS, NORA NAPOU, OHI, PATO, PATRÍCIA CORNUS, PAULO BARBOSA, PAULO ROBERTO FERREIRA, PAULO ZILBERMANN, PEDRO ORTIZ, PERSEU ABRAMO,

BRASIL AGORA

RAIMUNDO PEREIRA, ROGÉRIO SOTTI, RUTH BUENO DE ARAÚJO, SÉRGIO CANOVA, SÉRGIO SISTER, WALTER ONO, WLADIMIR POMAR. A OPINIÃO DOS ARTICULISTAS NÃO REFLETE NECESSARIAMENTE A LINHA EDITORIAL DO JORNAL.

BRASIL AGORA É UMA PUBLICAÇÃO QUINZENA DA EDITORA BRASIL AGORA LTDA. - ALAMEDA GLETE, 1049 - CEP 01215-001 - SÃO PAULO (SP). FONES: 222.6318/222.4326/220.7718. FAX: (011)222.2865. ADMINISTRAÇÃO: M^o ALICE DE P. SANTOS. ASSISTENTE: IVANIIDA ALVES. DEPARTAMENTO DE CIRCULAÇÃO (COORDENAÇÃO GERAL): JOSÉ LUIS NADAI, MARIA ODETE G. DE CARVALHO. GERENTE DE DESENVOLVIMENTO: PAULO M. SOLDANO. ASSINATURAS: ANA MARIA ALVES, GUIBA GENESTRA (DIGITAÇÃO), PAULO E. SOLDANO, MÓNICA MENDES MARTINS, ANA CLÁUDIA F. GONÇALVES, REINALDO LAFORDYA, ELIZABETE BERNARDO (RIO DE JANEIRO), JOSÉ VITAL F.: 085-252.1992 (FORTALEZA), MOISÉS BALESTRO F.: 051- 221.7733 (PORTO ALEGRE). EXPEDIÇÃO: JOÃO A. GUEVARA. SERVIÇOS GERAIS: EUSILANDIA M. FERREIRA, FERNANDO S. SIQUEIRA, LUCILENE B. SILVA, MARCELO L. C. PONTES. IMPRESSÃO: DCI. DISTRIBUIÇÃO: DINAP S/A. TIRAGEM DESTA EDIÇÃO: 35.000 EXEMPLARES FORAM IMPRESSOS NO DIA 19 DE NOVEMBRO DE 1992. JORNALISTA RESPONSÁVEL: RUI FALCÃO

O BRASIL NÃO É SÃO PAULO

Quem ganhou, quem perdeu? Estas são as perguntas inevitáveis depois de qualquer eleição, principalmente nesta, que repercute tanto no plebiscito sobre sistema de governo quanto nas eleições de 1994.

Fala-se que o Brasil - ou pelo menos as grandes cidades - votou na centro-esquerda. Que figuras da política nacional - como Antônio Carlos Magalhães, Quéricia, Fleury, Leonel Brizola - saíram machucados desta eleição. Ao mesmo tempo, Paulo Maluf é apresentado como um possível candidato das forças conservadoras, para 1994 (página 6).

Um dado inquestionável: mesmo derrotado em São Paulo e no Rio de Janeiro (páginas 4 e 5), o Partido dos Trabalhadores confirma sua força, elegendo os prefeitos de Belo Horizonte (página 8), Goiânia (página 9), Londrina, São José dos Campos, Ribeirão Preto (páginas 14 e 15); e reelegendo os prefeitos de Porto Alegre (página 7) e Santos (página 13).

Esses resultados - aos quais devem-se somar os do primeiro turno, e as vitórias de frentes de esquerda, especialmente de Lídice da Mata (páginas 10 e 11)-, mostram que o PT continua uma força em ascensão política, e uma forte ameaça aos interesses conservadores. O que não elimina a necessidade de uma avaliação mais detalhada de seu desempenho eleitoral, especialmente nas cidades onde é governo e perdeu.

As últimas semanas foram marcadas pelo jogo sujo: panfletos apócrifos, cenas de racismo e terrorismo político-ideológico, calúnias e promessas eleitoreiras, abuso de poder econômico e manipulação dos meios de comunicação de massa - fez-se de tudo para derrotar a esquerda, e quem jogou sujo venceu em São Paulo e no Rio de Janeiro.

A vitória de Maluf é o respaldo das urnas a um dos símbolos da direita brasileira, um dos símbolos do autoritarismo militar, cujos métodos foram exemplarmente descritos pelo ex-sargento Marival Chaves, que contou à revista *Veja* como eram capturados, torturados e esquartejados os militantes de esquerda, durante os anos de chumbo.

Hoje, a face visível da truculência volta-se contra os pobres, os miseráveis, os marginalizados. Mesmo assim, o candidato dos ricos recebeu os votos da periferia paulistana, apresentando um discurso mudancista e cheio de preocupações sociais. Este talvez seja o principal desafio para as administrações democráticas e populares que assumirão no dia 1º de janeiro de 1993: conquistar, manter ou recuperar o apoio das maiorias pobres. Desafio difícil, mas que Porto Alegre, Santos, Diadema, Cosmópolis, entre outras, mostraram ser completamente superável.

O EDITOR

O PT e o Governo Itamar

O lugar do PT é na oposição. Não porque esta seja uma vocação intransponível. Mas pelos fatos e projetos em disputa na sociedade.

Itamar Franco foi eleito com um programa neoliberal, na chapa de Fernando Collor. Não bastasse isso, preocupado com as insinuações de que seria um nacionalista estatizante, o novo presidente da República tomou o cuidado de divulgar através da imprensa suas convicções rigorosamente liberais, do jeito que o FMI gosta, e formou um governo hegemônico pelo PFL e pelo PMDB.

Não há espaço para dúvidas ou para o cultivo de ingenuidades do tipo "vamos ver o que ele vai fazer". O governo já está em marcha. Mantém a essência da política anterior, que

O P I N I Ã O

O governo mantém a política que gera miséria, desemprego e mantém as privatizações

gera miséria e desemprego e mantém as privatizações programadas da forma anunciada. O líder do governo diz que quem derrubou Collor tem o dever de apoiar Itamar. Nada mais falso. Certamente a queda de Fernando

Collor enfraqueceu o projeto neoliberal. Esta vitória tática deve nos estimular na luta contra este projeto que prossegue sob Itamar Franco. Nosso esforço deve, portanto, se voltar para o fortalecimento do movimento popular na oposição, visando conquistar reivindicações da classe trabalhadora, aprofundando assim a derrota do neoliberalismo.

O PT sempre foi referência para a sociedade pela nitidez de suas posições. Foi sob este signo que avançamos e que nos projetamos como uma alternativa de esquerda renovadora e democrática. O outro caminho é o velho caminho do pântano em que naufragaram outros projetos de esquerda.

VLADIMIR PALMEIRA
Deputado federal (PT/RJ)

Pelo presidencialismo democrático

O Congresso Nacional aprovou a realização de um plebiscito, em 21 de abril de 1993, dando ao povo o direito de decidir se quer um sistema parlamentarista ou presidencialista. A discussão, por enquanto, não ganhou as bases e também não motiva suficientemente os meios políticos e a intelectualidade do país. Esta ausência de debate e discussão sobre o tema anuncia o temor de uma imatura decisão a ser tomada pelos eleitores durante o plebiscito.

O fracasso da experiência presidencialista, especialmente em face dos desdobramentos da crise envolvendo o primeiro presidente eleito depois de 30 anos de arbítrio, estão estimulando os defensores do parlamentarismo. Há parlamentarismo para todos os gostos. Vão desde o parlamentarismo bom-moço de Mário Covas ao parlamentarismo com a pena de morte do Amaral Neto. Todos eles, empurrados pela ocasião momentânea de desgaste causado pela roubalheira patrocinada pelo presidente Collor, se animam em ver a saída da crise através das portas do parlamentarismo.

O debate sobre o sistema de governo é travado de forma superficial. Atribui-se a ele propriedades mágicas, como se fosse possível explicar o desenvolvimento social e econômico de determinadas nações exclusivamente pelo sistema de governo por elas adotado. Há os que ingenuamente pregam que a simples mudança de sistema de governo vai lançar o país nos níveis do primeiro mundo, na modernidade.

O Brasil teve experiência parlamentarista até 1889, quando um grupo de pessoas, chegadas ao governo, decidiu adotar a forma republicana. Mesmo na

O P I N I Ã O

Entregar ao Parlamento a tarefa de eleger os governantes é cassar o direito conquistado pelo cidadão

República, a legitimidade dos governantes só teve conquista plena há pouco mais de 40 anos, quando o eleitor pôde decidir quem iria governá-lo. Segmentos importantes como as mulheres só adquiriram o direito de voto em 1934 e os analfabetos e militares na Constituição de 1988.

Embora o Brasil tenha assistido ao mando presidencialista, é preciso reconhecer que a grande maioria dos presidentes não foram eleitos. Dos eleitos pela via direta, poucos espelharam a transparência e a moralidade exigida pelo eleitor. Dos últimos eleitos lembre-se que Jânio Quadros renunciou e Collor sofreu processo de *impeachment*. Mesmo com Vargas, o país não fugiu à imagem de um sistema gerador de ditadores e caudilhos. Mas os defensores do parlamentarismo esquecem que personalidades como Hitler e Mussolini chegaram ao poder amparados por este sistema.

No caso brasileiro, o parlamentarismo seria implantado num momento de fragilidade partidária e quando o Congresso está formado por parlamentares, na sua grande maioria, eleitos por um sistema eleitoral viciado, de temerária índole ética, onde prevalecem os interesses corporativistas. Uma prova da frágil vida partidária expressou-se na eleição do presidente Collor, que chegou ao cargo num partido criado às vésperas da eleição. E a possibilidade de mudar de sistema de governo no momento em que as instituições buscam uma definição no papel da representação política é, por si só, uma questão temerária.

Entendemos que, neste momento, entregar ao Parlamento a tarefa de eleger os governantes é cassar o direito conquistado pelo cidadão de dar legitimidade ao eleito. Ainda que o eleitor tenha errado uma vez, é preciso exercitar a democracia do voto para que, tanto eleitor como eleito, aprendam o significado da representação democrática.

ANTONIO MARANGON,
Deputado estadual (PT/RS)
e presidente da Comissão
de Cidadania e Direitos
Humanos da Assembléia
Legislativa gaúcha.



Benedita, quase prefeita

Uma autêntica união de forças de direita impediu a vitória, mas o PT cresceu e se fortaleceu.

A eleição para a Prefeitura do Rio de Janeiro que, junto com Natal, foi a mais disputada no Brasil mostrou duas coisas: primeiro que as elites e os setores conservadores da cidade conseguiram dar a volta por cima, visto que nas eleições passadas - para governo do estado e Prefeitura da cidade - a polarização se deu em torno do PDT e do PT, e segundo que o PT e seus aliados se consolidaram e representaram uma força efetiva no eleitorado carioca.

A diferença de três pontos percentuais (44% a 41%) que deu a vitória ao deputado federal César Maia, do PMDB - que junto com o PL formou a Coligação Pensa Rio - sobre a também deputada federal Benedita da Silva, candidata da Frente Feliz Cidade formada pelo PT, PSB, PPS e PC, mostra uma divisão inédita no Rio.

O grande derrotado de todo esse processo foi o governador Leonel Brizola. Além de não conseguir emplacar sua candidata Cidinha Campos, deputada federal (PDT-RJ), assistiu sua pregação pelo voto nulo ser desprezada pelos seus liderados. Os mesmos 13,5% que anularam voto no primeiro turno repetiram o gesto no segundo. Os eleitores de Cidinha, em sua grande maioria, optaram por um dos candidatos no segundo turno.

Na verdade, o grande mote das candidaturas de César Maia e Benedita da Silva era ocupar o espaço do antibrizolismo. O primeiro destacando a péssima imagem de Brizola como administrador, como mostram as pesquisas, e a segunda, mais política, atacando a posição do governador em relação ao governo Collor, à CPI e ao impeachment. A intenção era definir quem iria para o segundo turno com Cidinha, que em nenhum momento conseguiu se demarcar como candidata. Em todo o processo eleitoral não foi mais que uma sombra de Brizola, que impôs sua candidatura ao

PDT e ao atual prefeito Marcello Alencar, deflagrando uma divisão aparentemente irremediável entre o governador e o prefeito, que já vinha dando mostras de descontentamento com a direção imperial que Brizola impunha ao partido.

VIRAVOLTA. Essa disputa foi fundamental para acontecer o que parecia impossível no Rio: a deputada federal Cidinha Campos não ir para o segundo turno. Isso não só surpreendeu a todos, como também abalou a estratégia de campanha de Benedita e César Maia para este turno, voltada para enfrentar Cidinha. Àquela altura todos os analistas políticos eram unânimes em afirmar que

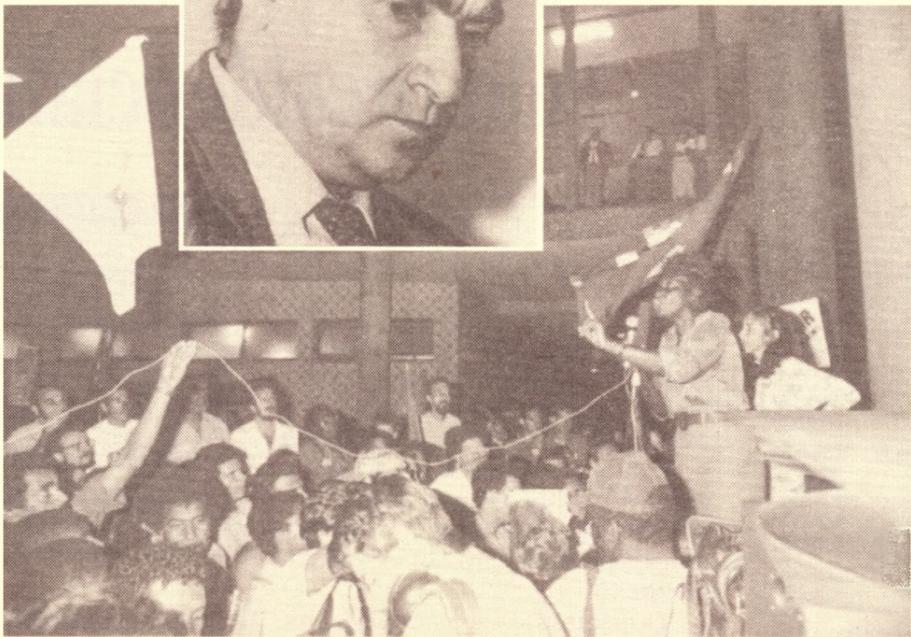
quem fosse com a deputada do PDT para o segundo turno seria o prefeito ou a prefeita do Rio. Mas quando Benedita se consolidou à frente das pesquisas e Cidinha começou a despencar, o antibrizolismo e setores ligados ao prefeito Marcello Alencar passaram a apostar suas fichas na candidatura de César Maia. Isso se explicitou no segundo turno e foi decisivo para eleição do deputado federal do PMDB à Prefeitura do Rio.

Segundo Jorge Bittar, membro da executiva nacional do PT e vereador eleito com a maior votação do país, "o prefeito Marcello Alencar não teve uma postura ética, pois apesar de se declarar neutro na disputa liberou seu filho, o deputado estadual Marco Antonio Alencar, para fazer as críticas mais duras a Benedita da Silva, e colocou toda a máquina administrativa da prefeitura à disposição do candidato do PMDB". Houve situações - denuncia Bittar - em que "secretarias municipais inauguraram obras públicas na chamada zona oeste (região de grande densidade eleitoral, onde Benedita da Silva foi vitoriosa no primeiro turno e que seria decisiva para as eleições no segundo) com a presença de César Maia".

PESQUISAS SUSPEITAS. Para Bittar, outro fator que contou para a vitória de César Maia foi a conduta do Ibope, mani-



Maia, identificado com os interesses das elites, teve "ajuda" do Ibope, da imprensa e do preconceito. Benedita firmou sua liderança



ANTÔNIO BATISTA

pulando as pesquisas em favor do candidato do PMDB. "Na antevéspera da eleição quando todos os institutos de pesquisa registravam empate técnico entre as duas candidaturas, o Ibope foi o único que colocou César Maia seis pontos percentuais à frente de Benedita", explicou.

O cerco da grande imprensa teve influência, publicando em manchetes de primeira página o resultado das pesquisas do Ibope e no rodapé das matérias os dos demais institutos, alguns inclusive apontando Benedita da Silva liderando com um ou dois pontos percentuais a disputa. Isso sem falar no peso dado às denúncias contra a Frente Feliz Cidade e a pouca importância dada às respostas. O jornal *O Dia*, que tem grande penetração nas camadas populares, chegou a denunciar que Benedita da Silva havia liderado um calote num restaurante da zona sul do Rio. Fato negado em seguida pelo garçom do restaurante, identificado como autor da despropositada denúncia.

O candidato a vice-prefeito pela Frente Feliz Cidade, deputado federal do PPS, Sérgio Arouca, vai mais longe: "Após o término do período de propaganda eleitoral, *O Globo* (em primeira página) e o *Jornal do Brasil* publicaram editoriais defendendo explicitamente a candidatura de César Maia e atacando com agressividade e com in-

formações mentirosas o PT e a deputada Benedita da Silva". Para Arouca, "a democracia brasileira não suporta mais esse tipo de atitude, não dá para considerá-la um fato normal".

PRECONCEITO. Outras questões ligadas à fraude e ao abuso do poder econômico - todos os fiscais e "boqueiros" do PMDB eram pagos - também foram identificados. Mas o que mais pesou mesmo foi o apoio do prefeito Marcello Alencar e o preconceito em relação a uma candidata mulher, negra e de origem favelada.

Essa identificação, e a utilização do "arrastão" pelos meios de comunicação, vinculando o perfil de Benedita com a desordem da cidade, bateu fundo no coração da classe média. Esse dado foi constatado por uma pesquisa de qualidade encomendada pela Frente Feliz Cidade. Mais inclusive que o episódio do diploma falso do filho de Benedita da Silva. Este foi um golpe que mexeu muito com a militância e por um determinado momento paralisou a campanha, mas, segundo a pesquisa, teve pouca importância junto ao eleitorado. Sobre isso, há críticas à lentidão da coordenação da campanha em responder à denúncia.

Para Beto Bastos, da executiva estadual do PT, "uma derrota por cem mil votos demonstra mais acertos do que

erros na condução da campanha". Beto Bastos, porém, ressalta um fato constatado nos mapas de apuração: "Nós não perdemos apenas na classe média da zona sul, perdemos também na classe média dos bairros da zona norte e das regiões populares. Talvez esse seja um dos equívocos que cometemos, não ter política para a classe média carioca".

Benedita, segundo se constatou nos mapas de apuração, venceu nas regiões mais populares, como as zonas oeste e Leopoldina, mas a diferença de votos não foi capaz de compensar a derrota acachapante sofrida na zona sul da cidade, onde a proporção de votos foi de dois para um.

NOVA FORÇA. Para José Luiz Fevereiro, coordenador político da campanha, "houve uma derrota eleitoral e uma vitória política". Segundo ele, "isso porque foi o melhor resultado já obtido no Rio de Janeiro, e o PT mudou o perfil do seu eleitorado, saindo dessa eleição como o principal interlocutor das camadas populares da cidade".

César Maia venceu com a proposta de "salvar a cidade", colocando-se como candidato suprapartidário. Nessa linha, fez acordos com candidatos de perfil conservador e fisiológico, derrotados no primeiro turno. Além disso, houve a seu favor o receio do prefeito Marcello Alencar e da bancada de vereadores coniventes com as irregularidades cometidas na Câmara Municipal do Rio.

Para setores do PT, foi fundamental uma candidatura como a de Benedita da Silva. Ela e Jorge Bittar saem dessa campanha como duas das maiores expressões políticas do estado, já que a campanha no Rio tem dimensão estadual, pois os municípios da Baixada Fluminense, com milhões de habitantes, têm muitos moradores trabalhando na capital. E sem um canal de televisão próprio, acompanham diretamente a campanha de TV do Rio.

FLÁVIO LOUREIRO
Rio de Janeiro, RJ



Amarguíssimo regresso

Para ganhar, Maluf mudou seu discurso e foi buscar votos na periferia

Haviam passado poucas horas desde o fechamento das urnas quando Sylvia Luffalla Maluf, mulher do prefeito eleito de S. Paulo, expôs perante a imprensa os sentimentos que a derrota da Coligação Partidos do Povo despertava nela própria, e por certo em boa parte da elite da cidade. Sylvia, condenada no passado por fraudes praticadas na administração de suas empresas, anunciou que iria redecorar todo o gabinete da atual prefeita, "até o ar". "Na cadeira da Luiza, ele não vai sentar. De repente, pode passar a burrice e os maus fluidos".

O jornal *O Estado de S. Paulo* esperou alguns dias, mas já em 18 de novembro alardeava com júbilo, em seu editorial mais importante, uma das tendências que o cenário político nacional pode revelar, nos dois anos que restam para as eleições gerais de 94. O agravamento da crise econômica, especulou, levará as correntes de esquerda a retomar seu programa de mudanças, a "exacerbar a linguagem demagógica", como prefere o jornal. E então, "o sr. Maluf poderá despontar como a alternativa eleitoral", para aqueles cujo "padrão de referência for a abertura do mercado, a privatização da economia e a reformulação do Estado - em linhas gerais, o programa com base em que se elegeu o candidato Fernando Collor de Mello".

CONSERVADORES UNIDOS.

Não será possível compreender a vitória malufista de forma abstrata - sem enxergar, por exemplo que os partidos da ordem pretendiam, inflingir uma derrota emblemática ao PT e seus aliados. O malufismo, fazem questão de lembrar membros do Diretório Municipal petista, estava em ascensão há vários anos. Passara de 800 mil votos, ou 15% do eleitorado, em 85, para 2,03 milhões (37,2%) em 92.

Em torno dele se somaram os reacionários. O segundo turno das eleições de S. Paulo foi marcado, entre outros fatos surpreendentes, por um acordo entre o quercismo e o malufismo e pela adesão aberta à candidatura do candidato do PDS de um grupo de ex-militantes do PCB.

Mas também não será possível extrair da derrota paulista lições para o futuro sem enxergar que a direita venceu porque *reciclou-se*, e o fez ocupan-

do espaços tradicionalmente ocupados pelos partidos populares, e em parte perdidos na gestão de Luiza Erundina e na campanha de Eduardo Suplicy.

Uma dos trunfos mais importantes cedidos ao adversário foi por certo o voto dos mais pobres. Um dia depois das eleições, o publicitário Duda Mendonça, apontado como o responsável pela mudança na imagem de Maluf, admitiu a mudança, relatada a dois repórteres de *O Estado de S. Paulo*. Ao contrário das disputas anteriores, a estratégia de campanha malufista não se preocupou em ocupar os principais edifícios do centro da cidade com enormes painéis publicitários, nem em distribuir panfletos nos cruzamentos mais movimentados da Zona Sul.

MALUFISMO NA PERIFERIA.

Em compensação havia começado, desde o final de 1991, um trabalho incansável de convencimento ou de neutralização de lideranças populares nos bairros mais distantes do centro. Maluf chegou a deslocar para a tarefa dois de seus assessores mais antigos: Sinésio Gobbo e Antonio Jesse Ribeiro. Ao final de novembro, eles contabilizavam mais de 2 mil visitas a líderes de bairros, de igrejas e de seitas.

Atrás da mesa de trabalho de Duda Mendonça, relataram os repórteres, havia um enorme mapa da cidade, colorido de forma a que ficassem destacadas as regiões periféricas onde o malufismo tinha enfrentado problemas nas campanhas anteriores - e onde era preciso reverter a tendência adversa.

O trabalho pode ter sido facilitado por erros e dificuldades

da administração Erundina. O transporte coletivo é um deles. No primeiro semestre desse ano, por exemplo, a prefeitura não conseguiu resolver uma greve de condutores dirigida por um sindicato ligado à própria CUT, o que paralisou o serviço por nove dias.

DESPOLITIZAÇÃO. Inegável, no entanto, é que a propaganda eleitoral levada por Suplicy à TV durante todo o primeiro turno abriu amplas avenidas ao sucesso da estratégia malufista. A atual prefeita havia vencido por vincular sua imagem à de seu partido e à da coligação que a apoiava, e por admitir claramente a intenção de governar para os pobres. Dessa vez, no entanto, os criadores do programa na TV contrariaram a tradição e decidiram *desvincular* o candidato dos partidos que o apoiaram.

Confiando que tinham em mãos um *produto* de ampla aceitação, quiseram destacar acima de tudo suas qualidades *individuais*. Esconderam a administração de Erundina. Omitiram o posicionamento político das forças que lançavam Suplicy. Acreditaram que chegariam à vitória realçando apenas atributos como a *honestidade* e a *competência*. Chegaram a recorrer a um velho truque: o de apresentar o candidato como um indivíduo capaz de *substituir*, se conduzido ao poder, a ação política de seus representantes: o *Super Suplicy*.

Adotando uma postura que admitiu ser *heterodoxa* para um candidato com o perfil ideológico de Maluf, Duda Mendonça insistiu, desde o primeiro turno, em destacar menos o nome

e a imagem do candidato e mais seu programa: no caso, uma espécie de discurso social de direita, segundo o qual a melhora das condições de vida dos pobres é essencial para o funcionamento do capitalismo.

PERDENDO OS POBRES.

Ao perceber a despolitização evidente da campanha adversária, o comando malufista inovou mais uma vez, e decidiu ser ele próprio ainda mais político. Um dos *jingles* na TV admitia claramente: "A gente não tem nada contra o Suplicy", para imediatamente dar o troco: "a gente não quer mais é o PT mandando aqui". Nas últimas semanas a campanha do PDS passou a se apropriar até mesmo de elementos do discurso associado tradicionalmente à esquerda, e criou *slogans* como "Muda, São Paulo", e "Ou Maluf, ou 4 anos com eles"...

Os primeiros dados são suficientes para certas conclusões. Os bairros centrais, que já em 85 haviam escolhido Maluf, não se sensibilizaram com a imagem "light" de Suplicy. Neles, para cada voto dado a sua adversária, Maluf havia alcançado, nas eleições anteriores, 1,37 sufrágio. Segundo os dados preliminares divulgados pelo próprio candidato do PDS, esta proporção se manteve em regiões como a de Pinheiros e até cresceu, no Jardim Paulista, Vila Mariana, Tatuapé ou Santana.

A virada malufista ocorreu essencialmente, porém, com a *inversão* da tendência de voto na periferia. Em 85, Erundina obtivera 1,73 voto para cada um dado a Maluf na chamada *área 5* - a mais pobre, e a proporção atingira 1,35 na *área 4*, um pouco menos periférica. A ultra-moderação da campanha de Suplicy tirou dele a solidariedade da maioria dos humildes. Com exceção de um bairro operário - Sapopemba - Maluf bateu os Partidos do Povo em toda extensão das *áreas 4 e 5*, com cerca de 20% de vantagem.

ANTONIO MARTINS

Resultado Final		
Paulo Maluf	2.805.201	52,19%
Eduardo Suplicy	2.024.922	37,67%
Branco e nulos	544.771	10,13%



DITO PELO DITO

O povo foi enganado mais uma vez! Enganado nada, ele é sem-vergonha mesmo. Erramos na escolha do nosso candidato! Não. Erramos foi na campanha: principalmente no primeiro turno, nem parecia que estávamos numa eleição, mas numa campanha de venda de sabonete.

Agora esse pessoal que votou no ladrão vai ver o que é bom pra tosse! Que nada! Pior é que o canalha vai pegar a prefeitura azetada, sem dívidas, com dinheiro em caixa e com a legislação em ordem, vai poder fazer uma ótima administração! Vai baixar os salários dos funcionários - porque salário não dá "caixinha" - e desviar toda a grana para grandes obras, faturando em cima.

Isso foi o *depois*. E do lado de cá. Mas teve o *antes*, dos dois lados.

O candidato de vocês não sabe nem falar! Para ser bom prefeito não precisa ser bom de discurso ou de debate!... Bom, mas pra ganhar a eleição, precisa. Maluf rouba mais que o Collor! É, mas ninguém pega ele... o homem é esperto, voto nele mesmo. Voto no Maluf porque o PT é contra os nordestinos. Mas quem fez a lei anti-nordestino foi o malufista Feder! Ah, cê tá inventando. Eu sou pobre, mas não gosto de pobre, viva o Maluf!

O Maluf vai fazer casas populares. Por que não fez quando era prefeito e tinha dinheiro à disposição? O ônibus em São Paulo é o mais caro. Mentira: em Campinas é o dobro daqui... Mas eu não tomo ônibus lá. O metrô era mais barato que o ônibus antes da Erundina. Agora, com a Erundina, o ônibus tá mais barato, é Cr\$ 2.200,00 e o metrô Cr\$ 3.800,00. Eu não tomo metrô. O Suplicy vai criar a tarifa única válida para duas horas. Será que isso é uma plataforma suficiente para um governo socialista? É, quem quer votar num safado encontra sempre argumentos. Mas quem não é safado também não fez por merecer!

Ouvimos muitos desses monólogos por aí, nos diálogos o outro ouve e pensa. Culpas? A cada um a sua quota. E quem sabe a gente aprenda...

MOUZAR BENEDITO

Maré pós-impeachment

Não há um partido hegemônico, mas tende-se a uma polarização entre a esquerda e a direita.

Escolado na análise dos partidos e das tendências eleitorais, o cientista político Bolívar Lamounier vaticinou após os resultados do segundo turno: "Se no plebiscito de 21 de abril de 1993 vencer o presidencialismo, no dia 22 estará nas ruas a campanha presidencial de 1994, polarizada entre o PT e o PDS". Interesses e simplificações à parte - Lamounier está interessado em pregar as virtudes estabilizadoras da adoção do parlamentarismo e do voto distrital - o vaticínio tem suas razões. Ele capta três tendências reveladas pelas urnas.

A primeira delas é a confirmação da capacidade de polarização da área à esquerda do espectro partidário, que havia ficado relativamente neutralizada nas eleições realizadas em 1990 ainda sob o impacto da vitória de Collor.

Na avaliação do deputado José Dirceu, "o PT é um dos partidos vitoriosos nestas eleições, apesar de ter perdido o governo de São Paulo. Elegeu prefeitos em quatro capitais (Belo Horizonte, Porto Alegre, Goiânia e Rio Branco), por pouco não venceu no Rio de Janeiro, obteve expressivos resultados em João Pessoa, Recife, Aracaju, além da conquista de cidades de porte médio e pólos regionais".

A disputa neste segundo turno exibe duas características preocupantes, na opinião de Dirceu: "O abuso do poder econômico e a utilização de uma propaganda ferozmente antipetista em algumas cidades foram fundamentais para dar a vitória aos nossos adversários".

O PSB, que compôs a Frente Brasil Popular em 1989, venceu em Natal e São Luís e tem tudo para chegar ao governo em Maceió, onde o segundo turno ainda não foi realizado. O PPS, com o PT na vice, venceu em Floria-

nópolis. Um caso excepcional foi o de Salvador, onde a esquerda participou com força na decisiva vitória de Lídice da Mata, do PSDB.

PRESSÃO SOBRE O CENTRO. A segunda resultante das urnas é a revelação da dificuldade dos partidos de centro-esquerda ou centro-direita afirmarem-se como pólos visíveis de aglutinação para uma disputa nacional.

A situação do PMDB é típica. Manteve a sua condição de maior partido - elegeu prefeitos em 1.633 cidades - mas com base principalmente em cidades do interior de médio e pequeno portes. Venceu em quatro capitais (Rio de Janeiro, Fortaleza, Recife e Campo Grande) mas ficou de fora da disputa nos grandes centros urbanos de São Paulo. Com a "queima" de seu candidato natural à presidência, Orestes Quércia, o PMDB está tensionado pela disputa interna, pelo surgimento de fortes pólos regionais não alinhados com o quercismo e dividido publicamente sobre a opção parlamentarista ou presidencialista.

O PSDB venceu em Vitória, Macapá, Porto Velho e Teresina, além de capitanear a frente vitoriosa em Salvador. Elegeu 265 prefeitos, dos quais 204 no Ceará, Minas Gerais e São Paulo, estados onde tem mais raiz. Em nenhum destes três estados, porém, foi capaz de polarizar na disputa da capital. O crescimento da capacidade de polarização da esquerda e a presença ainda forte do PMDB comprimem seu espaço de voto próprio.

Por fim, o PDT apesar de chegar à prefeitura em quatro

capitais (Curitiba, Aracaju, João Pessoa e Cuiabá) e eleger governo em mais de 362 cidades, foi aliado do segundo turno em suas duas principais bases (Rio de Janeiro e Porto Alegre). A capacidade de polarização de Brizola está nitidamente diminuída, ainda mais com a divisão do PDT no Rio, comandada por Marcello Alencar, agora em aliança com César Maia.

RECUO E RENOVAÇÃO. A terceira tendência expressa pelas urnas é a capacidade potencial de polarização obtida por Maluf, apesar do nítido recuo das forças à direita no espectro partidário.

O PFL, PTB, PDC, PRN e PL, que haviam se aglutinando em torno de Collor, foram certamente os que mais perderam nestas eleições. Elegeram prefeitos em apenas três capitais (Manaus, Belém e Palmas), assentando a sua força basicamente nos grotões (ao todo 1.843 municípios). O PFL, irremediavelmente dividido, tem a sua principal liderança nacional, Antônio Carlos Magalhães, bastante desgastada.

Os desdobramentos da vitória de Maluf em São Paulo estão ainda para ser submetidos à prova do tempo. Mas é inegável que ele surge como uma possível ponte para a disputa nacional, para reaglutinar forças ponderáveis da direita do espectro partidário, órfãs de um chefe.

AUSÊNCIA DE HEGEMONIA. Estas tendências de polarização devem ser, no entanto, relativizadas por um elemento importante de avaliação

que é analisado mais detidamente pela cientista política Maria D'Alva Kinzo, pesquisadora de temas eleitorais do Idesp e professora da USP.

Kinzo enfatiza a "polarização equilibrada dos partidos, a dispersão de votos em torno a seis ou sete partidos que demonstram um nível importante de estabilização". Para ela, "difícilmente o sistema partidário brasileiro tenderá a se aglutinar em um número mais reduzido de siglas, prevalecendo as fortes diferenciações regionais como um fator inibidor de fusão de correntes partidárias que podem inclusive se situar no mesmo espectro político-ideológico. Esta fragmentação seria compensada pela acomodação de alianças eventuais e formação de blocos no Congresso".

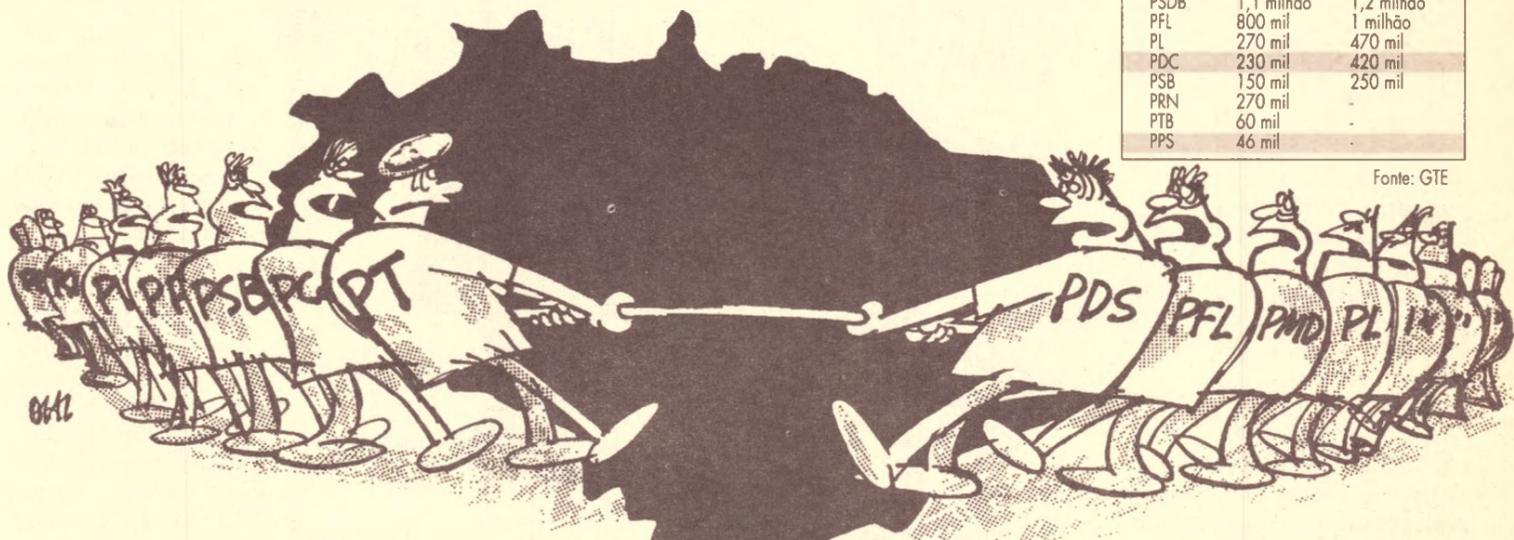
Um outro elemento de despolarização que, em alguma medida, compensaria o crescimento das forças de esquerda e de centro-esquerda nos centros urbanos mais importantes

seria a persistência de uma tradição mais fisiológica muito distante de ser vencida nas cidades de menor porte e no interior. "Mesmo o PFL", argumenta Kinzo, "que saiu bastante enfraquecido nestas eleições, conserva uma força importante graças a seus esquemas específicos de clientela e articulação partidária".

Mas a maior incógnita para o futuro da vida partidária no próximo período reside no impacto do plebiscito sobre sistema de governo e das refor-

Partido	1º Turno	2º Turno
PT	3,3 milhões	5 milhões
PMDB	2,7 milhões	3,9 milhões
PDS	2,1 milhões	3 milhões
PDT	1,2 milhão	1,2 milhão
PSDB	1,1 milhão	1,2 milhão
PFL	800 mil	1 milhão
PL	270 mil	470 mil
PDC	230 mil	420 mil
PSB	150 mil	250 mil
PRN	270 mil	-
PTB	60 mil	-
PPS	46 mil	-

Fonte: GTE



RESULTADOS DO SEGUNDO TURNO

Cidade	Eleito	Partido
Belo Horizonte	Patrus	PT
Porto Alegre	Tarso	PT
Goiânia	Accorsi	PT
Londrina	Cheida	PT
Santos	Capistrano	PT
Ribeirão Preto	Palocci	PT
S.J. dos Campos	Angela	PT
São Luís	Conceição	PSB
Natal	Tinoco	PSB
Salvador	Lídice	PSDB
Contagem	Ferreira	PSDB
Juiz de Fora	Maitos	PSDB
João Pessoa	Franca	PDT
Nova Iguaçu	Altamir	PDT
São Gonçalo	Bravo	PDT
Duque de Caxias	Soares	PDT
Rio de Janeiro	Maia	PMDB
S.J. de Meriti	Adilmar	PMDB
Campo Grande	Fonseca	PMDB
Sorocaba	Mendes	PMDB
Joinville	Freitag	PFL
Uberlândia	Serolla	PFL
São Paulo	Maluf	PDS
Manaus	Amazonino	PDC
Jaboatão	Humberto	PTB
Feira de Santana	Durval	PMN

Nº DE PREFEITOS DAS CAPITAIS

PSDB - 5 (Salvador, Vitória, Teresina, Macapá, Porto Velho)
PMDB - 4 (Rio. Fortaleza, Recife, Campo Grande)
PT - 4 (Porto Alegre, Belo Horizonte, Goiânia, Rio Branco)
PDT - 4 (Curitiba, João Pessoa, Cuiabá, Aracaju)
PSB - 2 (São Luís, Natal)
PDC - 2 (Manaus, Palmas)
PFL - 1 (Belém)
PPS - 1 (Florianópolis)
PDS - 1 (São Paulo)

Obs.: Não estão resolvidas ainda as eleições de Maceió (apuração do 1º turno ainda não concluída por vários problemas) e Boa Vista (um turno só, a ser realizado dia 29).

Fonte: GTE

mas eleitorais sobre os diferentes projetos estratégicos em disputa. Kinzo analisa que as "lideranças presidencialistas mais fortes, como Brizola, Antônio Carlos Magalhães e Quércia, saíram enfraquecidas nestas eleições. O único dado novo em sentido contrário, seria a eleição de Maluf em São Paulo". Pesará de forma decisiva a posição a ser adotada pelo PT, a ser deliberada ainda em uma consulta a seus filiados.

JUAREZ GUIMARÃES



Nos fins de 1991 corria a história de que, em Porto Alegre, o pré-candidato Flávio Koutzi teria a maioria dos votos nas prévias para a candidatura do PT à sucessão de Olívio Dutra, enquanto o vice-prefeito e também pré-candidato Tarso Genro tinha a preferência esmagadora do eleitorado. Preocupada, a diáspora gaúcha em São Paulo reuniu-se e escalou-me para falar com Flávio, manifestando nossa idéia de que manter Porto Alegre com a batuta petista era fundamental.

Na véspera de nosso encontro, que seguramente ocorreria no Congresso do PT, em São Bernardo, quase não dormi. Procurava a fórmula para o desempenho da missão. "Precisamos falar de Flávio para Flávio..." não, não, vai soar como gozação. "Pela primeira vez não vamos te apoiar para alguma coisa..." não, não, vai parecer um pedido de desculpas. Pensei em correr os olhos pelo enorme estúdio da Vera Cruz, onde foi o Congresso, e dizer como quem não quer nada: "Tchê, mas que baita galpão, até parece a Prefeitura..." mas achei que ia parecer que eu estava achando difícil dizer o que devia dizer. A verdade é que eu estava: tendências à parte, e deveres, o Flávio era meu amigo de muitos anos.

Fui para o tal encontro com o coração na mão; parecia antigamente, no tempo dos pontos e dos aparelhos, embora eu nunca fosse da vida clandestina. Quando o vi, cheguei, e disse: "Tchê...". Ele me olhou com o jeito irônico de sempre e retrucou: "Tchê, eu ainda sou um cara de bom senso...". "Eu também", disse, "então já podemos até mudar de assunto". E assim se encerrou, meio mineiramente, aquele papo firme de gaúchos. Depois voltamos ao assunto, mas estava tudo dito ali naquelas poucas frases. O fato é que a frase do Flávio sintetizava um sentimento profundo que já então dominava no PT gaúcho e porto-alegrense, e nos personagens envolvidos na sucessão (inclusive nos atuais eleitos, o Tarso e o Raul). Esse sentimento era o de aprender com a cidade, de relacionar-se com a sua história de modo a recuperá-la para o presente e fazer avançar o seu legado. Os petistas de Porto Alegre ouviram a cidade, vestiram a sua camisa e a camiseta do partido desde há muito. Era isto o que me dizia o Flávio, de Flávio para Flávio, sabendo que não o apoiáramos, ali naquele baita galpão, grande como uma Prefeitura.

Buenas, digamos que eu floreie um pouco a história. Não faz mal. Porto Alegre vale uma floreada. Afinal, hoje ela é a capital vermelha do país e do Cone Sul.

FLÁVIO AGUIAR

Vitória do trabalho político

Não foi por acaso que pela primeira vez um prefeito fez seu sucessor na capital gaúcha



Tarso Genro frente a Lula: bis para o PT

O último programa do horário eleitoral em Porto Alegre resumiu com rara exatidão as diferenças entre as candidaturas de Tarso Genro (Frente Popular) e César Schirmer (PMDB-PCdoB). Como seus apoiadores, Schirmer apresentou Brizola, Ibsen Pinheiro, o líder do governo Itamar, Pedro Simon, o ex-governador (pelo PDS) e hoje vereador mais votado de Porto Alegre pelo PFL, Jair Soares, dois ex-prefeitos nomeados no tempo da ditadura, o governador Alceu Collares (PDT) e caciques de outros partidos conservadores. Quêrcia foi estrategicamente refugado pelo PMDB gaúcho. O programa de Tarso apresentou o comício de encerramento da campanha (que Schirmer não se arriscou a fazer) e apoio de lideranças comunitárias, sindicais e sociais num leque que ia desde militantes dos partidos da Frente (PT, PSB, PPS, PC, PV) aos líderes do PDT e PTB, passando por cantores, atores, pintores, escritores, cineastas e intelectuais. No dia 16 de novembro, a deputada estadual do PCdoB, Jussara Cony, criticava que, no segundo turno, sua coligação tinha assumido uma postura de centro-direita.

AFINIDADES ELETIVAS. Os programas mostravam, assim, onde cada um tinha buscado alianças. Já no primeiro dia após o resultado de 3 de ou-

tubro, o governador Alceu Collares tentou articular uma frente anti-PT e levar o seu PDT a declarar oficialmente apoio a Schirmer. A direção pedetista convocou uma reunião de diretoria e foi surpreendida com o massivo apoio das lideranças da base do partido a Tarso. Para evitar um racha irrecuperável, houve acordo para que o partido liberasse seus filiados e militantes. Resultado: enquanto Collares e Brizola aderiram a Schirmer, o deputado e compadre de Brizola, Tanir Borba, aparecia na TV pedindo voto para Tarso.

A busca da razão desta diferença entre os dois programas ajuda a encontrar explicações para outras perguntas: como um partido que é governo ganha eleições numa crise dessas? Como quebra uma tradição porto-alegrense de nunca um partido fazer o sucessor? Como uma coligação com partidos pequenos (além do PT, que fez 10, só o PPS elegeu vereador, 1) vence jamantas política que unem PMDB, PDT, PDS, PFL, PCdoB?

Quem procurar as razões a partir da Administração Popular tem boas chances de acertar o caminho. O prefeito Olívio Dutra encerra o mandato com 55% de aprovação nas pesquisas (mais 40% de regular) e aclamado em qualquer ato público que compareça. A própria campanha eleitoral explorou a frase "Porto Alegre pede bis", teve o vice-prefeito como candida-

to majoritário e destacou que faria "o segundo governo da Frente Popular". Maior identificação impossível.

PARTIDO E GOVERNO. O presidente do PT gaúcho, Selvino Heck, aponta o equacionamento da relação partido-governo-sociedade como um dos componentes responsáveis pelo sucesso da administração e da campanha eleitoral. Em 1989, PT e prefeitura tiveram momentos tensos de atritos, por razões que vão desde a inexperiência administrativa, o sucateamento com que a Prefeitura foi entregue, até a ansiedade da militância com a cobrança feita nas ruas. "Isto foi superado. Tanto que o partido fez uma renovação interna e a escolha do candidato foi um processo tranquilo, onde só não houve acordo da Convergência", diz Selvino.

Enquanto havia este ajuste interno, a administração ajustava-se com a sociedade. Nas vilas e bairros, instalou foros de discussão sobre o orçamento do município e a prioridade da maioria das pessoas era o saneamento básico e não transporte coletivo, como supunha o PT. Também tratou de dialogar com os setores médios e empresariais. "O partido passou a ter maior amplitude, como mudar sua personalidade. Mesmo os inimigos reconhecem competência e seriedade no governo." Ele cita ainda o relacionamento com o funci-

onalismo municipal, "que nunca foi repressiva, sempre foi respeitosa e democrática".

ALIANÇAS POLÍTICAS. Esta prática, lembrava Tarso Genro ainda na campanha, mudou a relação da população com o poder público. O fato de discutirem aonde a Prefeitura deve aplicar o dinheiro arrecadado teve reflexos imediatos na militância de vários partidos: "Quebramos a espinha dorsal do clientelismo e do populismo. As lideranças comunitárias viram em nós seriedade e honestidade". Daí, quando definiu-se o segundo turno, foi natural a corrida de militantes de base do PDT e do PTB à candidatura de Tarso: a identificação política era muito maior que com Schirmer. Para Selvino Heck este é um ensinamento: "Não adianta, nem precisa, coligar pelas cúpulas. Em 1989 aconteceu isto. Quando Brizola aderiu a Lula a base gaúcha do PDT já tinha aderido. Este ano, a cúpula pedetista ficou com Schirmer, a base conosco. Isto vale para 1994. Podemos ter vinculações políticas pelas cúpulas, mas é imprescindível a articulação pelas bases".

RESPOSTAS. A tradição porto-alegrense de votar à esquerda é um fator externo que dever ser incluído na explicação da vitória petista. No segundo turno, Schirmer procurou intensamente o voto conservador, a ponto do PCdoB, seu aliado no primeiro turno, reclamar de quase não aparecer na TV no segundo. Junto com isso, foi derrubada outra característica porto-alegrense, do partido não eleger o sucessor. A vitória da Frente Popular em Porto Alegre consolida a prática administrativa e principalmente o PT. O vice-prefeito eleito, Raul Pont, analisa que o partido "disputa a hegemonia de 70% do eleitorado, que tem o voto popular e progressista". É uma das decorrências da Administração Popular, das discussões internas petistas e de outros fatores, que num espaço maior seriam citados. Há outras conseqüências, como a vitória e último programa do horário eleitoral gratuito.

MARCO ANTONIO SCHUSTER
E ZÉ LIMA
Porto Alegre-RS



ELEIÇÕES 92
2º TURNO

BELO HORIZONTE

ETA TREM, SÔ!

O significado político da vitória de Patrus Ananias em Belo Horizonte - com 59% dos votos nominais, contra 40,9% do candidato adversário - extrapola o resultado eleitoral. Representa mais uma vitória das forças democráticas, reunidas em torno da Frente BH Popular, encabeçada pelo PT.

O embate ideológico, de certa forma diluído no primeiro turno, evidenciou-se no segundo. A capacidade de aglutinação da candidatura de Patrus abriu caminho à vitória.

A escolha do candidato a vice, Célio de Castro, líder do PSB na Câmara dos Deputados, também foi determinante para garantir mais abrangência à campanha. Médico conceituado junto à população, assim como Patrus, também Célio expressa a imagem do político sério, combativo e honesto, com trânsito fácil junto a outros partidos de esquerda e forças progressistas. Finalmente, a ligação histórica de Patrus com os movimentos de Igreja contribui em muito no sentido de dar maior amplitude à candidatura.

Estes são alguns fatores que explicam a vitória de Patrus no primeiro turno (29% contra 16,4% do segundo colocado).

No segundo turno, a Frente BH Popular (PT, PSB, PCdoB, PC e PV) ganha o reforço do Movimento Pró-Patrus, constituído por setores do PSDB, PDT, PTB, PPS e PMDB, deixando em pânico o candidato adversário, que já havia sido derrotado nas eleições de 1985 para a Prefeitura de BH, fazendo-o adotar acirrar a tática de golpes baixos. Campos contou, ainda, com fortes aliados na imprensa local: os Diários Associados, responsáveis pelos dois jornais de maior circulação no estado, e com uma das emissoras mais populares na capital, a Rádio Itatiaia.

Com seus métodos escusos, o candidato da direita conseguiu, sim, criar um clima de tensão, um clima de guerra, na reta final da campanha. Não faltaram nem mesmo ameaças e agressões físicas contra os candidatos e militantes. E mais: conseguiu voltar suas armas contra si próprio. Diminuiu sua credibilidade junto ao eleitorado indeciso e acirrou os ânimos da militância petista, que saiu em massa para as ruas e boca-de-urna.

GISELE NOGUEIRA

Estrela à tona

Negando o voto às baixarias, a capital mineira mostrou não ter medo de ser feliz.

Já no final da campanha, quando o seu adversário insistia em plantar o mais estridente terror ideológico no programa eleitoral de televisão, e trazia para as ruas milícias recrutadas à base de dinheiro, Patrus Ananias resolveu gravar uma fala para ir ao ar no dia de finados. Era uma fala intensa, quase "ao rubro", que se debruçava sobre os trabalhadores anônimos que construíram a cidade, os imigrantes que trouxeram para cá o seu rumor, a sua gesticulação própria, o vinco da diferença: uma fala sobre os que já morreram.

Aquilo, num primeiro momento, ainda no estúdio de gravação, criou um certo efeito de estranhamento, digamos assim. Afinal o que vinha fazer, àquela altura, no meio do embate político, essa reflexão meio Ecléa Bosi, meio Pedro Nava, sobre os que já viveram em Belo Horizonte? O embaço não durou muito: Patrus Ananias mandou para o ar a sua homenagem aos mortos, ensaiou uma rápida reflexão sobre a nossa finitude e a sua superação ("através da aventura junto aos outros homens e mulheres, da aventura da sociedade, da cultura") e saiu para mais uma jornada de campanha.

O episódio do "dobre de sinos" no programa eleitoral de televisão é emblemático com relação à universalidade da candidatura da Frente BH Popular, com relação à sua significação política, social e cultural irradiante, e ao fato de ela ter vindo a ser a mais completa tradução da vida da cidade, seus símbolos, seu imaginário, seu rumor mais característico.

RECONHECIMENTO. O belo "efeito de estranhamento" provocado pela intervenção política-cultural dos dois candidatos da Frente BH Popu-



lar (foi mesmo uma "intervenção" no cotidiano, na escuta e na sensibilidade dos cidadãos) virou logo efeito de reconhecimento. As pessoas passaram a sentir que aquilo era com elas mesmas, que aquilo lhes dizia respeito, e que de alguma maneira elas queriam entrar ali. Essa sensação de que a campanha e o que ela punha em circulação nos dizia respeito a todos levou inclusive alguém a comentar que a Frente era "uma espécie de retomada das causas perdidas de cada um". Das causas de cada um mesmo, como por exemplo as do comerciante do centro da cidade (eles votaram na sua imensa maioria no candidato da Frente), que, de repente, procurou comovido a coordenação para dizer que "ele também, por que não, queria participar, como é que podia fazer para entrar naquilo".

Não era porém uma panacéia, um apagamento dos problemas, um rebaixamento e repressão do tumulto

social, que aquele comerciante buscava na candidatura da Frente BH Popular. A grande "invertida", a qualidade, o elemento de perturbação mesmo da campanha, vieram justamente do contrário, do fato dos candidatos não terem jamais abolido o conflito, escondido o aspecto explosivo da crise da vida social, e assim de terem trazido esse conflito à tona.

SEM FUGA. Foi um pouco como um cristão subvertedor que leu Freud (Patrus Ananias costuma dizer que quanto mais profunda a sua experiência psicanalítica mais ela o aproximou do sagrado, da dimensão religiosa de existência), e que por isso não tem medo do cisma, da rachadura, das cisões, que o prefeito eleito de Belo Horizonte falou abertamente no "conflito" e fez dele o tema, o motivo principal da sua campanha. E, ao invés de tomar isso como fumaça e sinal do apocalipse, a cidade, os eleitores, os cida-

dãos tomaram essa aceitação do conflito como opção pela vida, pela política, por novas possibilidades sociais. "A cidade acolheu o conflito", observou Luís Dulci, um dos coordenadores da campanha. "E, por isso mesmo, escolheu alguém capaz de se haver com esse conflito", disse ele, o olho posto sobre a votação de Patrus Ananias nas várias regiões da cidade. Aí o que se vê é que o voto dos pobres, dos muito pobres, nos candidatos da Frente, foi maciço. O voto nas regiões operárias, nos bairros industriais, foi na proporção de três para Patrus contra um do outro candidato. E, junto à classe média, deu empate (sendo que a classe média assalariada, de proprietários mesmo, pequenos e médios empresários votaram em Patrus, ficando com o adversário o voto acuado, defensivo, o voto apavorado, o voto anti-social, daqueles que tomam o mundo dosoci-

al como ameaça). Se a luta de classe não foi às urnas? "Foi sim, e como", afirma Dulci, lembrando que em momento algum Patrus Ananias deixou de assinalar as origens e o perfil ideológico e de classe do PT. "Mas o PT e a Frente levaram para as urnas a luta de classes e a disputa entre visões de mundo não de uma forma exclusivista", lembra Dulci, mas "com uma vocação universal", tornando-se capazes por isso de governar a cidade.

Não parece ter sido pouca coisa o que aconteceu em Belo Horizonte. Ao reconhecer o conflito, a ameaça de miserabilização crescente da vida humana em nossas cidades, e ao "transferir" para uma frente democrático-popular (e não para a reação fanática, histérica, e parafascista) o governo desse estado de coisas, os próprios setores médios parecem ter dado um passo no sentido da civilização.

JOSÉ MARIA CANÇADO
Belo Horizonte, MG



A NOVA VOZ DE BELÔ

Fizemos em Belo Horizonte uma política de alianças que certamente influenciará o futuro do país. Foi uma lição de diálogo e democracia", diz Patrus Ananias.

Endossado pelo seu companheiro de chapa, o vice-prefeito eleito, Célio de Castro, que afirma que "esta é chance de consolidarmos o projeto político democrático-popular, dos sonhos. Não só dos partidos, mas dos setores progressistas e populares que esperavam por esta mudança e por isto votaram em nós".

Emocionado, Patrus Ananias diz estar vivendo um momento de muita alegria, e já se prepara para a transição. Vencida a primeira batalha, o prefeito eleito já está conversando sobre seu secretariado, que pretende compor até dezembro. "A cada dia as suas preocupações", defende-se Patrus diante da cobrança de nomes para os quadros técnicos da Prefeitura.

Comprometido com as políticas sociais, Patrus afirma que



Patrus: sem fugir dos conflitos

fará, uma administração voltada para as camadas mais empobrecidas da sociedade. Dos problemas sociais mais graves, ele se diz sensibilizado com as questões dos meninos e meni-

nas de rua e com o caos do transporte coletivo, que penaliza milhares de trabalhadores diariamente. Além disso promete transparência, ética e democracia. "As contas da Prefeitura

do PL, Maurício Campos, tentou esconder até mesmo os partidos que compunham, oficialmente, a sua coligação e entrou com liminar no TRE proibindo a divulgação, na TV e nos

vão estar abertas ao povo para que ele possa participar do nosso governo", enfatiza.

Identificando-se como um petista histórico, Patrus diz ter orgulho do seu partido e nunca se sentiu ameaçado pelas difamações que tentaram atingir sua candidatura. "Não tenho nenhum constrangimento com o meu partido."

Já o candidato do PL, Maurício Campos, tentou esconder até mesmo os partidos que compunham, oficialmente, a sua coligação e entrou com liminar no TRE proibindo a divulgação, na TV e nos

panfletos, de textos vinculando seu nome ao do partido do ex-presidente Collor.

E Patrus também não se assusta com a tese da ingovernabilidade do PT, costurada pela direita durante a campanha eleitoral e mantida pelo seu adversário. "Democracia exige convívio" afirma ele. Patrus acredita que os canais de negociação estão abertos para o diálogo e aposta numa relação respeitosa e de cooperação.

Para quem acha que o PT e a Frente não têm apoio do Governo Federal, Patrus lembra que além da declaração de voto que fizeram os ministros Paulino Cícero, das Minas e Energia e Paulo Hadad, do Planejamento, ainda conta com a simpatia do próprio presidente Itamar Franco e de outros ministros historicamente ligados aos compromissos sociais e aos partidos de esquerda.

MARILI DE SOUZA
Belo Horizonte, MG

GOIÂNIA

Vencendo a máquina do PMDB

O prestígio do governador e do prefeito não salvaram seu candidato

O deputado estadual e professor de filosofia da Universidade Católica de Goiás (UCG), Darci Accorsi, de 53 anos, é um dos quatro prefeitos eleitos pelo PT para administrar capitais brasileiras a partir de janeiro. O candidato do PT conseguiu superar a força da máquina administrativa atirada durante a campanha pelo governador Íris Rezende e pelo prefeito Nion Albernaz, a favor do empresário Sandro Mabel (PMDB).

Accorsi derrotou o candidato nos dois turnos com uma campanha cujos temas principais foram os sociais e de valorização da ética na política. A candidatura de Mabel foi arrumada por Íris Rezende e Nion Albernaz.

Mas o prefeito e o governador, que o Datafolha mencionou há quinze dias entre os de maior aceitação popular, não conseguiram transferir o prestígio e apagar as desconfianças dos eleitores em relação ao candidato empresário. No primeiro turno, o candidato do PT participou de todas as manifestações pelo impeachment do presidente afastado Fernando Collor. Accorsi sublinhou para os eleitores as semelhanças existentes entre Mabel, Collor

e o presidente nacional do PMDB, Orestes Quércia, suspeito de envolvimento nas irregularidades no processo de privatização da Vasp.

Comprometido com o movimento da sociedade brasileira pela ética na política, Accorsi começou a desmascarar Mabel logo no primeiro turno. Um grupo de 32 advogados do Movimento pela Ética na Política de Goiás entregou aos candidatos adversários do PMDB uma certidão criminal contra Sandro Mabel. Ele é acusado pelo Ministério Público de Goiás de cometer crime de estelionato que resultou em prejuízo de 15 milhões de dólares ao Banco Sudameris.

LAMA. O PT venceu o primeiro turno com uma vantagem de mais de 40 mil votos. No segundo turno a reação do PMDB foi a de desencadear uma campanha pesada para mudar o rumo da preferência da opinião pública. Além dos ataques através dos programas eleitorais, o



Accorsi: governo com a cara de Goiânia

PMDB distribuiu panfletos como o que atribuía ao candidato do PT planos de construção de um local destinado à realização de rituais de satanismo. Depois de ser acusado também de "ateu", Accorsi reagiu provando que Mabel, além da acusação de estelionato, é portador de duas cédulas de identidade expedidas em São Paulo e Goiás. Com o registro paulista, onde declarou

ser goiano, foi que Mabel conseguiu uma certidão negativa de antecedentes criminais e o registro da candidatura no TRE.

No segundo turno a campanha de Darci Accorsi ganhou novo impulso com a adesão de Sandes Júnior, do PFL, que fora o terceiro colocado no primeiro turno. Accorsi acredita que desde a realização do 1º Congresso Nacional o PT adquiriu novo perfil. O prefeito eleito disse que sua administração deverá estar a serviço da comunidade. Uma das primeiras providências ao assumir no dia 1º de janeiro vai ser anis-

tiar os contribuintes que devem a Taxa de Serviços Urbanos. "Nossa administração não vai ter a cara do PT, mas sim a cara de Goiânia", prega Accorsi.

Na próxima semana o prefeito eleito manterá uma audiência com o governador Íris Rezende e com o prefeito Nion Albernaz para assegurar uma transição de governo tranquila. Accorsi disse que existe uma disposição de realizar um tra-

balho conjunto em benefício do povo de Goiânia.

AMÉLIA FERREIRA
Goiânia, GO

ÚLTIMA HORA

Provocam polêmica no PT as declarações que a Folha de São Paulo atribui ao prefeito Darci Accorsi. Segundo a Folha (17/11), Accorsi considera que o principal papel do PT seria "contribuir para o aperfeiçoamento do capitalismo" e que o socialismo "é um chavão e está superado". Ouvido por nosso correspondente em Goiânia, Darci Accorsi confirmou a essência dessas declarações. Confira mais dessa polêmica na próxima edição de **Brasil Agora**

A REDAÇÃO



Prefeita boa de briga

Lídice da Mata de Souza, 36 anos, aparenta ser uma mulher frágil. O rosto com ar sofrido, o físico franzino e algumas dezenas de cabelos brancos ajudam a reforçar essa impressão. No entanto, quem a conhece bem diz que ela não tem nada a ver com essa imagem. Amigos e colegas políticos afirmam que Lídice é uma gigante, um grande exemplo de luta e de persistência.

Além dos amigos e colegas políticos, também as urnas comprovaram que Lídice é boa de briga. Que sabe lutar e vence. Ela foi eleita a primeira prefeita de Salvador, derrotando Manoel Castro, candidato do governador Antônio Carlos Magalhães, o todopoderoso cacique da política baiana, com quase cem mil votos de vantagem.

Lídice nasceu em Cachoeira, cidade histórica do Recôncavo baiano, em 1956, e ainda adolescente foi morar em Salvador. Fez seu debut na política aos 14 anos, quando era estudante do Colégio Central, seguindo os passos do pai, Aurélio, um ativo militante de esquerda, preso e afastado do seu cargo no Banco do Brasil após o golpe de 64. Logo depois ingressou na Faculdade de Economia da

UFBA, onde se firmou como liderança estudantil. Lídice foi presidente do Diretório Acadêmico, participou da reconstrução da UNE e chegou à presidência do Diretório Central dos Estudantes.

Suas atividades partidárias tiveram início no ainda clandestino PCdoB. Em 1981 ela se filiou ao PMDB - partido que, na época, abrigava diversas correntes de esquerda - e foi eleita vereadora com expressiva votação. Em 1985 ela assumiu publicamente o PCdoB, já na legalidade e, no ano seguinte, elegeu-se deputada federal constituinte. Na Câmara dos Deputa-

dos, teve papel destacado na unificação da bancada feminina do Congresso e apresentou várias emendas com o objetivo de garantir os direitos da mulher. Na Constituinte, o Diap (Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar) lhe deu nota 9,5.

Separada do marido desde 1990, hoje Lídice vive com seu filho Bruno, de 8 anos, num modesto apartamento do nordeste de Amaralina, bairro classe média baixa de Salvador. Segundo ela, sua ligação com a cidade tem profundas raízes. "Aqui eu me realizei como militante, mulher, dona de casa, mãe e agora, com certeza, o grande desafio: transformar Salvador numa cidade mais feliz."

Na Prefeitura, Lídice terá a difícil tarefa de administrar uma capital que é uma das primeiras em problemas, a terceira em população e uma das últimas em arrecadação. O nefasto quadro, no entanto, parece não intimidá-la e antecipa a receita de sua administração. "Vamos cuidar de Salvador como cuidamos de nossa casa. Com seriedade, trabalho, amor e luta. Partindo daí o resto fica fácil", disse em entrevista a Nelson Rios.



Lídice (à direita) com a vice Bete e Lula

Agora que a senhora está eleita, qual o próximo passo?

O nosso próximo passo é convocar o conselho político para analisar as eleições, vamos fazer um balanço eleitoral e começar a discussão sobre o governo. Além disso nós vamos tomar medidas práticas para iniciar o processo de transmissão do governo com a atual prefeitura. Nos próximos dias deveremos manter uma audiência com o prefeito Fernando José para ver os pontos principais que devem ser discutidos sobre a cidade.

A senhora já tem alguma definição na composição do secretariado?

A composição do secretariado será sem dúvida competente do ponto de vista técnico e político. Eu posso afirmar com convicção que será o mais competente dos últimos vinte anos da prefeitura de Salvador.

O mais competente dos últimos vinte anos?

Sim. O meu secretariado vai estar voltado para os compromissos políticos, técnicos e será leal com os interesses e necessidades da cidade.

Como participarão do seu governo as forças políticas (Frente Popular Salvador Amore Luta, composta pelos partidos PSDB/PV/PDT/

PPS/PSB/PCdoB/PMN/PT e, no segundo turno, PMDB) que ajudaram na sua eleição?

As forças políticas que compuseram a nossa coligação participarão do nosso governo de forma normal. Mas elas me deram a liderança e a confiança para que eu possa compor o secretariado de forma livre, com a certeza de que estarei formando uma equipe com os princípios que a coligação formulou para o exercício da administração municipal. Comprometido com a honestidade, com a seriedade na administração pública, com o compromisso de resolver os problemas essenciais do nosso povo, como justiça, combate a desigualdade sociais e, portanto, com a confiança dos partidos para

Encontro com o governador, só depois da posse. E vinculado aos interesses da cidade.

ter independência para construir este secretariado.

Vai se procurar dentro de cada partido os técnicos necessários para cada área da administração?

Não só técnicos, mas técnicos e políticos. Nós vamos escolher entre os políticos e os técnicos os mais competentes entre os partidos e a sociedade de Salvador para compor o nosso governo.

A futura composição da Câmara Municipal não lhe é favorável. Como a senhora pretende se relacionar com o legislativo?

Faz parte do dia-a-dia da Prefeitura a relação com o Legislativo. Primeiro nós temos doze vereadores já conosco, que foram eleitos com este compromisso político; nós podemos ainda conquistar esta maioria, não está fechada a composição. Tem muitos vereadores eleitos agora que vão querer discutir. E tem mais do PMDB, que chega a dezesseis vereadores. Além disso, tem outros vereadores de outros partidos que não nos apoiaram, mas que são independentes e que terão oportunidade de conversar com o governo.

Durante a sua campanha, algumas figuras ilustres do PSDB não participaram diretamente, como foi o caso do senador Mário Covas. Isso significa algum "esfriamento" com o PSDB paulista?

Não. Não significa isso. Mário Covas deu depoimento, que foi o que saiu no meu

programa, esteve presente no ato da filiação, veio à Bahia especificamente para isso. Tenho com o senador excelente relação. O deputado José Serra participou de comícios

A composição do secretariado será o mais competente dos últimos vinte anos da prefeitura de Salvador

nossos. Não tem nenhum "esfriamento" com o PSDB paulista.

Mas Lula apareceu muito mais na sua campanha eleitoral que o pessoal do PSDB.

Lula apenas participou mais, esteve mais presente aqui. E tem até uma característica particular porque nós também participamos muito da campanha de Lula para a Presidência, o que estreitou os nossos laços de relacionamento, o que não quer dizer que a nossa relação com o PSDB não esteja plenamente fortalecida.

A senhora acha que a sua vitória foi uma vitória da oposição de Salvador?

Não, foi mais do que isso.

Nós não somos apenas uma oposição, nós somos mais que o oposicionismo. Nós somos a expressão de uma postura afirmativa, de um projeto de cidade. Nós tivemos a possibilidade de, unindo a esquerda, oferecer um projeto capaz de viabilizar a melhoria da qualidade de vida. E isso está muito simbolicamente expresso na enorme votação que nós conquistamos em segmentos que tradicionalmente não eram nossos eleitores, que são os segmentos mais populares.

O governador Antônio Carlos Magalhães jogou pesado durante a campanha eleitoral, seja despejando verbas para a candidatura de Manoel Castro, seja ocupando seus programas de TV para exercer o "direito de resposta". Agora que você está eleita, vai esquecer tudo isso ou a luta continua?

Eu acho que nós não podemos aqui em Salvador cometer alguns erros que algumas vezes a gente já cometeu em outras eleições. Ganhamos, esquecemos; derrotados, não reclamamos. Eu darei continuidade à queixa crime contra o senhor Manoel Castro, por calúnia e difamação; daremos continuidade à denúncia da situação do Tribunal Regional Eleitoral da Bahia, de como se comportou



a justiça eleitoral na Bahia. Portanto daremos continuidade a todas as batalhas iniciadas no período eleitoral. Até porque nós temos que co-

meçar a limpar o campo da luta política na Bahia. Teremos eleições daqui a dois anos e precisamos vacinar a população e a sociedade contra os

abusos que ocorreram.

Como a senhora pretende administrar a cidade com o governo federal determinan-

do cortes no orçamento e o governador do estado dizendo que não vai repassar recursos? Além disso a Prefeitura deve até o ano 2000.

O governo federal tem afirmado as suas prioridades para os setores sociais. Apresentou agora uma discussão no país inteiro de ajuste fiscal, buscando exatamente o seu esforço financeiro para os investimentos nessas áreas. Nós já recebemos, de todos os contatos que já tivemos, a confirmação de que há recursos para a aplicação nessas áreas. Tivemos a presença do ministro Jutahy, que confirmou a liberação de verbas para Salvador ainda este ano. Salvador não tem recursos do estado, porque o governador não os libera. Ele não está cumprindo a lei e vamos nos articular com diversos prefeitos para lutar contra isso. E a cidade de Salvador tem também recursos próprios. A Prefeitura tem dificuldades, mas tem também a possibilidade de aumentar a arrecadação e de desenvolver projetos capazes de gerar empregos, divisas e renda, beneficiando também a população.

Como pretende aumentar a arrecadação?

Tornando o sistema mais eficiente. Salvador é uma das cidades que menos arrecada no Brasil. A capacidade de arrecadação de Salvador é 50% abaixo das demais capitais brasileiras. Então esta é uma questão que diz respeito à eficiência do sistema. Aumentar a capacidade de arrecadação não quer dizer aumento de IPTU, aumentos de cargas tributárias, mas signi-

fica aumentar a eficiência da Prefeitura em arrecadar os impostos que a cidade lhe garante, além de discutir uma política tributária mais justa, mais capaz de viabilizar os recursos para a cidade.

Quando a senhora irá solicitar o primeiro encontro com o governador?

Olha, eu acho que o meu primeiro encontro com o governador só depois de tomar posse. Mas o encontro será vinculado aos interesses da cidade. Quando se tornar necessário para a cidade um encontro antes da posse, como prefeita, para tratar de uma questão objetiva que diga respeito à cidade, eu pedirei a audiência. Mas o que tem que ficar claro é que ele tem que me receber e eu vou pedir audiência como prefeita desta cidade e não como pes-

**A capacidade
de arrecadação
de Salvador é
50% abaixo das
demais capitais
brasileiras**

soa que tem condições semelhantes ou dessemelhantes ao governador.

Este será o primeiro encontro de vocês ou já houve outras oportunidades?

Quando eu fui deputada e ele era ministro nós nos encontramos muitas vezes no avião, mas nunca nos cumprimentamos. Somos de gerações bem diferentes.

JOÃO PESSOA

A volta do braguismo

O sobrenome do prefeito eleito é Franca, mas quem vai mandar são os Braga.

Apenas alguns dias atrás, em comício realizado na Lagoa, centro da cidade de João Pessoa, o Lula foi curto e grosso: "Se dependesse do Ibope", disse o presidente nacional do PT, "o Partido dos Trabalhadores nem existiria...". Com efeito, seria difícil identificar nos números regularmente divulgados pelo Instituto Brasileiro de Opinião, Pesquisa e Estatística uma vocação para a busca de ser feliz.

Exatamente uma semana antes da realização do segundo turno da eleição para prefeito da capital paraibana, o Ibope divulgou uma pesquisa apontando uma diferença de 31 pontos percentuais entre o candidato do PDT, Chico Franca, e o da Frente Partidos

do Povo, Chico Lopes. Diferença acachapante. Caso o Ibope tivesse sido apenas um pouquinho mais condescendente para com a realidade - a diferença final foi de 15% entre os dois candidatos -, não seria leviano dizer-se que o resultado poderia ter sido outro (importante ressaltar que houve mais de 40% de abstenções e 13% de votos nulos).

MARIONETE. Franca, o novo prefeito de João Pessoa, representa, objetivamente, a volta do braguismo ao poder (corrente política do ex-governador, ex-deputado e agora vereador eleito Wilson Braga). Franca é um político inexperiente, apagado e inex-



Chico Lopes: contra Franca e Braga

pressivo, cujo papel concreto é o de ser um marionete dos Braga. Por determinação destes (Wilson e a mulher, Lúcia), Franca não compareceu a nenhum dos debates programa-

dos com Chico Lopes. "Quem lidera pesquisa não vai a debate", teria dito dona Lúcia durante uma reunião do comitê eleitoral de Franca, segundo o jornal **Correio da Paraíba**. A própria Frente Partidos do Povo, em sua programação para o Guia Eleitoral de rádio e TV, abordava a questão sem meias palavras: "Você quer um prefeito para governar ou um prefeito para ser governador?", perguntava ao eleitor.

A volta do braguismo traz tristes memórias aos paraibanos. No governo Wilson Braga, a repressão e a violência atingiram níveis até então

desconhecidos - um dos casos que ganhou notoriedade, inclusive internacional, foi o do assassinato de Margarida Alves, líder sindical de trabalhadores rurais da Paraíba.

A derrota eleitoral da Frente Partidos do Povo é um fato definitivo. Mas é também inegável o crescimento do PT - partido hegemônico da Frente -, que com seus mais de 70 mil votos passa a ser a segunda maior força política da capital paraibana. O professor Chico Lopes reassume sua cadeira de deputado estadual de cabeça erguida. E mais: na Câmara, onde o PT tinha apenas um vereador, passou a ter três.

JÔ AMADO,
de João Pessoa, PB

Derrotando os governadores

Em São Luís o clã Sarney foi vencido, mas os conservadores ganharam em Belém e Manaus

Nas duas maiores capitais da Amazônia, as forças conservadoras foram as grandes vitoriosas nas eleições municipais que se encerraram no último dia 15 de novembro. Em Belém, as eleições foram decididas no primeiro turno com a vitória do candidato do PFL, Hélio Gueiros, um dos piores governadores que o Pará já teve. Em Manaus o prefeito eleito foi Amazonino Mendes, do PDC, que disputou o segundo turno com o peemedebista José Dutra, aliado do governador Gilberto Mestrinho, ex-padrinho político de Amazonino.

As grandes surpresas do Norte ocorreram em Rio Branco (Acre) e São Luís (Maranhão). Na terra de Chico Mendes o prefeito eleito foi o petista Jorge Viana, que ganhou ainda no primeiro turno. E na terra de Sarney, a advogada de trabalhadores rurais, Conceição Andrade (PSB), derrotou as oligarquias locais, disputando no segundo turno com João Alberto Souza (PFL), que tinha o apoio aberto de Roseana Sar-

ney, a musa do *impeachment* de Collor.

De qualquer maneira foi mantida a tendência nacional: os governadores foram os grandes derrotados nas capitais. Em Belém, a candidata do governador Jader Barbalho, Socorro Gomes (PCdoB), ficou em terceiro lugar na disputa com Hélio Gueiros, que teve mais de 51% dos votos. O segundo colocado foi Cipriano Sabino (PDS) com 19%, que também contou com apoio, de bastidores, de Barbalho. Socorro Gomes teve apenas 13% dos votos, seguido do candidato do PT, Zé Lima, que obteve 11%. O ex-deputado federal Ademir Andrade (PSB) ficou em quinto lugar com apenas 6% da votação. Apesar da derrota, o resultado eleitoral do candidato do PT foi considerado bom em relação aos pleitos anteriores, quando o PT não passava de 3% em Belém.

Jader Barbalho jogou todo seu empenho na candidatura de Socorro Gomes. Fez aliança com o empresário Sahid Xerfan (PTB), que disputou com ele o cargo de governador em 1990 e foi eleito prefeito de Belém, em 1988, com mais de 70% dos votos. Dois outros ex-prefeitos de peso,



Conceição: vitória na raça

que apoiaram a candidata do governador, foram o atual ministro do Meio Ambiente, Fernando Coutinho Jorge (PMDB) e o senador tucano, Almir Gabriel, que renunciou à candidatura a prefeito (sua vaga foi ocupada por Socorro Gomes) chamando seus aliados da coligação "Aliança Popular" de "oportunistas e espertos".

Gueiros foi aliado de Jader Barbalho até 1990, quando foi expulso do PMDB por ter apoiado Sahid Xerfan. Barbalho e Gueiros vivem se acusando publicamente de la-

drão, mas se apresentam como homens de "mãos limpas". Num escândalo que envolve a construtora Andrade Gutierrez, o atual governador exigia 30% de propina para assegurar a licitação em favor daquela construtora, na pavimentação da rodovia PA-150. Quando Gueiros assumiu, passou a exigir 50%. A diferença entre eles, portanto, é apenas de percentual.

A VITÓRIA DA UNIÃO DA ILHA. Outro governador derrotado foi Edson Lobão (PFL), que não conseguiu eleger um dos homens mais fiéis ao senador José

Sarney, o ex-governador João Alberto Souza. O filho do governador, Edinho Lobão, fez o trabalho sujo de mandar distribuir folhetos apócrifos contra Conceição Andrade, a candidata que obteve em São Luís 237.687 votos, pouco mais de 64% dos votos válidos, contra 35% dados a João Alberto. A deputada Roseane Sarney, que pediu voto na televisão para João Alberto, foi vaiada no último comício do candidato do PFL.

GOLPE SUJO. A tentativa final de golpe nesse vale-tudo

foi aparada a tempo pela União da Ilha. Em Teresina foram apreendidos, pela Polícia Federal, 250 mil panfletos que envolvem a construtora Andrade Gutierrez, o atual governador exigia 30% de propina para assegurar a licitação em favor daquela construtora, na pavimentação da rodovia PA-150. Quando Gueiros assumiu, passou a exigir 50%. A diferença entre eles, portanto, é apenas de percentual.

Pressionado, o empresário Paulo Guimarães, ligado a Edinho Lobão, confessou que os boletins seriam derramados na periferia de São Luís, nos últimos dias da campanha. Alertada a tempo, a União da Ilha convocou a PF, brechando o golpe sujo.

O grande vitorioso, em São Luís, foi o prefeito Jackson Lago (PDT), que costurou a coligação "União da Ilha", reunindo, além do PSB de Conceição Andrade, PPS, PDT, PCdoB e PSDB. O PT, que disputou o primeiro turno com candidato próprio (deputado federal Haroldo Sabóia), teve três posições no segundo turno: voto nulo, apoio crítico e apoio ostensivo. O deputado Vila Nova, que é liderança dos trabalhadores rurais, apoiou abertamente a advogada de lavradores, Conceição Andrade. Haroldo Sabóia deu apoio crítico enquanto que o deputado Domingos Dutra pregou o voto nulo.

PAULO ROBERTO FERREIRA
Belém, PA

VERA PAULONI
São Luís, MA



SANTO ANDRÉ: POLÊMICA

CICOTE SOLTA O VERBO

Na edição passada, **Brasil Agora** publicou uma avaliação das eleições de Santo André, sem que fosse possível ouvir a respeito o deputado federal e candidato derrotado nas últimas eleições para prefeito, José Cicote, cujas opiniões publicamos a seguir, lembrando que as páginas do **Brasil Agora** estão abertas à polêmica. Cicote atribui a não reeleição do PT na cidade principalmente ao posicionamento da atual administração, comandada por Celso Daniel, que, segundo Cicote, não cumpriu o programa de governo estipulado em 1988, no qual ele é parte integrante, como vice-prefeito. Cicote alega não estar magoado com a derrota nem com a divisão do partido em torno de sua candidatura, mas ataca frontalmente aqueles que ele chama de "o grupo do Paço", referindo-se aos membros da atual administração. "Eles erraram, houve bastante conchavo".

A atuação dos coordenadores de sua campanha não é questionada por Cicote, mas a briga dentro do

partido durante as prévias e o papel da administração Celso Daniel foram os grandes alvos das críticas do candidato derrotado. "A coordenação da minha campanha teve alguns erros mas fez o que pode para me sustentar. Mas quando a briga dentro do partido veio a público, os petistas do Paço aproveitaram. Acho que eles não queriam que o PT ganhasse aqui".

O resultado final, apesar da derrota, foi considerado satisfatório. Cicote teve 101.798 votos contra 156.499 do eleito, Newton Brandão (PTB). "A diferença não foi grande. O problema é que a direita trabalhou junta e nós não. O partido perdeu muito com minha derrota", avalia Cicote ao dizer que ninguém pensou no futuro do PT de Santo André. Para ele o partido pode sair prejudicado daqui a dois anos quando ocorrerão novas eleições para deputados e presidente da República.

A composição com outras forças progressistas antes das eleições foi defendida por Cicote, segundo sua pró-

pria avaliação. Mas, ainda de acordo com o deputado, o chamado grupo do Paço atrapalhou a formação de alianças. "Eu queria firmar aliança com o PDT, PSDB e PMDB, mas minha proposta foi rechaçada. Tive que lutar sozinho, contra a direita organizada e sem o apoio de muitos petistas". Para o deputado, qualquer outro que saísse candidato em seu lugar também seria derrotado. Os fatores são os mesmos apresentados para sua derrota. Newton Brandão, em sua coligação, obteve o apoio do PDT e seu vice é do PMDB.

Entre outras acusações, José Cicote alega ainda que sua candidatura foi prejudicada por causa da elevação exorbitante do IPTU na cidade e pelo não cumprimento de algumas promessas eleitorais, como moradia popular e municipalização dos transportes coletivos, entre outros itens.

EDUARDO REINA,
Santo André, SP

Vitória pela esquerda

**Telma Souza e Davi Capistrano
mostram que o sucesso nas
urnas não rima com bom-mocismo.**

Depois de uma acirrada disputa, o médico David Capistrano Filho, candidato da Unidade Democrática Popular (UDP) - coligação formada pelo PT, PSB, PMN, PPS, PCdoB e PC—, foi eleito prefeito de Santos, em sucessão a Telma de Souza. Com 141.437 votos contra 110.583 de seu oponente —Vicente Cascione, do PDS—, David conquistou 56,12% dos votos válidos e mais quatro anos de mandato para seu partido e as demais forças aliadas.

Cidade portuária, com uma marcante tradição de esquerda até o golpe militar de 1964, Santos foi, por longos anos, refém do conluio local entre as elites endinheiradas, os apaniguados da ditadura e o submundo do crime. Mesmo o primeiro prefeito eleito por voto direto depois de 1964, o peemedebista Osvaldo Justo —que voltou a concorrer este ano, com fragorosa derrota—, alistou-se no esquemão, incorporando à tria de governante um quarto time de personagens: aquele pedaço do campo dos democratas cujas ambições não iam além de ganhar uns rincões de poder na seara do inimigo.

CONFRONTO. As eleições de 1988, com a vitória da petista Telma, fizeram Santos reencontrar sua melhor cara. Ancorada sobre as camadas mais pobres da cidade —que compõem o numeroso colégio eleitoral da zona noroeste—, a administração *udepista* bateu de frente contra os interesses até então dominantes. Recusou-se a aceitar a idéia de que o caminho mais eficaz para as mudanças proclamadas fosse o de fazer de conta que o pé de ninguém seria pisado. Telma governou a partir de uma opção muito simples: tanto maior seria a felicidade geral quanto mais duramente fossem sendo derrotados os grupos políticos e econômicos que sempre fizeram da coisa pública o usufruto de um condomínio privado.

Até os quadros da UDP virarem os manda-chuvas da cidade, Santos era mais conhecida, além de seu porto, por ser uma das capitais mundiais da Aids e por suas praias imundas. Com três grandes realizações e um símbolo inesquecível, Telma apresentou ao país a imagem de uma administração de esquerda que deu certo sem abandonar — e por não abandonar — as mais belas utopias humanistas.

SAÚDE EXEMPLAR. Em mil dias,



Sem medo do enfrentamento

Santos passou a ter um dos mais elogiados sistemas de saúde do continente. Os médicos e demais funcionários ganham bem, mas têm que trabalhar duro: o doutor David, secretário da Saúde, enquadrado a tihosa corporação à idéia de bem público. As policlínicas oferecem um atendimento de alto nível e a população é atendida com hora marcada: as filas e a confusão de informações foram substituídas por uma moderna rede de computadores que controla o fluxo do sistema. Especialidades antes de domínio praticamente exclusivo da medicina privada foram abarcadas pelo serviço público. Em todas as categorias —custo, atendimento e qualidade— os barões de avental branco ficaram a ver navios.

A intervenção no Hospital Anchieta (uma antiga casa de horrores camuflada por objetivos psiquiátricos) e a libertação dos loucos do jugo dos choques elétricos e da segregação deu o tom desde o início: o casamento perfeito entre ação estatal e princípios solidários.

Depois do Anchieta, foi a vez da Companhia Santista de Transportes Coletivos (CSTC). Empresa monopolista privada, com uma das mais altas tarifas do país, era a CSTC o principal obstáculo para uma política pública de transportes. Ainda no primeiro ano de governo Telma, e em meio a excitantes lances na Justiça e nas ruas, foi municipalizada e a Prefeitura pôde assumir o controle das ações em uma das mais delicadas áreas sociais em

idades de médio e grande porte.

VERMELHO E VERDE. Depois da CSTC, as praias. Pela primeira vez em sabe-se lá quantos anos, a parte do Oceano Atlântico que coube aos santistas alcançou condições de balneabilidade. Até as elites festejaram o resultado da fusão entre o vermelho e o verde.

O Anchieta, a CSTC, as praias foram o condimento que permitiu à cidade de Santos abrir fogo de barragem contra a política econômica do governo Collor. Com o município em greve geral e a intensa repercussão portado o país, a corte brasileira teve que recuar de milhares de demissões já efetivadas no porto a título de pedágio para a modernidade. Foi a primeira vez na era Collor que alguém provou a possibilidade de deter seu projeto, suas astúcias e sua voracidade. A administração santista não é nenhuma perfeição, mas é um marco. Primeiro, porque não aceitou uma relação esquizofrênica entre gestão municipal e política: governou exatamente como anunciara em campanha, para quem havia prometido governar e contra os interesses representados por quem governara antes.

Não trocou um papel de trinchira pela democratização radical do Estado por um roteiro de governo provedor e tocador de obras, e afirmou com rara competência ser o trabalho pelas reformas possíveis aquele que mais aglutina, mais mobiliza e, em última instância, faz perce-

ber que é viável e melhor viver sem os políticos e seus pagadores, tanto em Santos como no resto do país.

MORROS. Segundo, porque desenvolveu e consolidou apoios e relações entre os setores mais humildes, entre os deserdados que freqüentemente premiam as boas intenções da esquerda com um voto desesperado na direita. David não foi espancado pelo sufrágio da classe média, mas deve sua vitória a uma triunfal votação na zona noroeste, nos morros, nos grotões urbanos de Santos. Lá na Baixada, pelo menos, esquerda é esquerda, direita é direita, os pobres estão do lado *gauche* e os ricos que se defendam —como e se puderem.

Terceiro, porque provou que a radicalidade generosa dá votos, atrai a simpatia dos que não aceitam mais viver como sempre viveram, planta dúvidas entre os que têm saudade do pas-

sado e medo do futuro e imobiliza os que gostariam que tudo ficasse como está.

PASTEURIZAÇÃO. Fica a lição para os que apostam na pasteurização das idéias e na edulcoração das imagens —fórmulas que costumam tornar seus promotores inconfiáveis para os de baixo e ridículos perante os de cima. E foi assim que chegou o 15 de novembro de 1982. Na Praia do Gonzaga, milhares saudaram o prefeito eleito e aclamaram Telma aos brados de “governadora, governadora”.

Já alta a madrugada, emocionado pela vitória e pelas trágicas informações sobre as circunstâncias da morte de seu pai, o líder comunista David Capistrano, relatadas pela edição da semana da revista “Veja”, David, o prefeito eleito, afirmava o compromisso de mais quatro anos do bom combate.

BRENO ALTMAN

PREENCHA EM LETRA DE FORMA. Envie cheque nominal e cruzado à EDITORA BRASIL AGORA LTDA. Alameda Gleite, 1049 - Sta. Cecília - CEP 01215 - São Paulo/SP - Fones (011) 222.6318, 220.7718 e 223.2974

NOME _____

ENDEREÇO _____

CIDADE _____

FONE _____

UF _____

CEP _____

PROFISSÃO _____

Assinatura 12 edições (semestral) Cr\$ 125.000,00
 Assinatura para o exterior (semestral US\$ 30,00)
 Assinatura 25 edições (anual) Cr\$ 250.000,00
 Assinatura de apoio (anual) Cr\$ 375.000,00

QUASE LÁ

A União dos Partidos Populares (PT, PPS, PSB e PC do B), não conquistou a prefeitura de Sorocaba.

No primeiro turno, a eleição esteve polarizada entre Caudine Crespo do PTB, candidato do prefeito Antônio Carlos Pannunzio, e Paulo Mendes, do PMDB, administrador de empresas e funcionário fantasma da Eletropaulo. Segundo Hamilton Pereira, candidato a prefeito pela UPP, "a performance dos petistas na CPI do PC e os debates realizados com a parcela de formadores de opinião, tiveram como resultado a inserção do partido em camadas que historicamente rejeitavam o PT", possibilitando a passagem para o 2º turno.

No início do 2º turno, a coligação dos partidos populares tinha uma vantagem de 16% das intenções de voto. A diferença diminuiu e o candidato do PMDB, Paulo Mendes, venceu a eleição com 7 mil votos a mais que Hamilton.

JOGO SUJO. Paulo Mendes é considerado "boneco" de Flávio Chaves, ex-prefeito da cidade e ligado a Orestes Quêrcia. Envolvido no famoso escândalo da Raspadinha, em dez anos se tornou um dos homens mais ricos da região.

O governador Fleury tem interesses na região e seus pais moram na cidade. Em comício, durante o 2º turno, prometeu privilegiar o prefeito eleito... se fosse do seu partido.

Paulo Mendes tentou negar qualquer ligação com Orestes Quêrcia e com o próprio PMDB. Criou no final da campanha o "Partido de Sorocaba". No dia 15, a cidade estava repleta de panfletos apócrifos, que acusavam Hamilton Pereira de ser alcoólatra, espancar a mulher e ter carteira de trabalho falsificada.

O deputado Arlindo Chinaglia (PT) aponta como outros motivos prováveis da derrota a dificuldade em conquistar o apoio daqueles que, no 1º e no 2º turno, votaram nulo e branco; um certo sentimento antipetista, por parte de alguns setores; e o apoio do prefeito da cidade, que era do PTB, atualmente sem partido. Não se chegou a um consenso sobre se esse apoio deveria ser explícito - isso traria mais votos, ou não? E contribuiu também a decisão do PSDB em não apoiar nenhum dos candidatos.

ADÉLIA CHAGAS



Uma vitória inédita

Pela primeira vez uma coligação progressista vai administrar Ribeirão Preto

O médico sanitarista e deputado estadual Antonio Palocci Filho (PT), 32 anos, é o primeiro prefeito progressista de Ribeirão Preto. Palocci, tendo como vice o tucano Joaquim Alves de Rezende, foi eleito neste segundo turno com 112.359 votos (48,74% do total), derrotando o adversário Antonio Duarte Nogueira Júnior (PFL), que obteve 100.368 (43,54%). É a primeira coligação progressista vitoriosa em quarenta anos de conservadorismo na cidade. A Frente Popular e Democrática é composta pelo PT, PSDB, PSB, PV e PPS. Nogueira representava os grupos políticos que administravam Ribeirão até o momento, a Frente nova Ribeirão (PFL, PRN e PTB).

A festa da vitória começou ainda no local da apuração, o Parque Permanente de Exposições de Ribeirão Preto. O clima tenso não propiciou, contudo, nenhum caso de briga mais séria. A torcida de Palocci se animava com o resultado da pesquisa Ibope "boca-de-urna", divulgada pela EPTV-Ribeirão (afiliada à Rede Globo), que apontava 48% para Palocci contra 42% de Nogueira, computando to-

dos os votos, válidos ou não. Excetuando-se os votos nulos e em branco, Palocci aparecia com 53% e Nogueira com 47%.

MÉRITO. Palocci analisou sua vitória lembrando compromissos firmados durante a campanha: "Apresentamos um plano de governo consciente, que pode ser realizado dentro das possibilidades financeiras de que dispõe o município. Seu grande mérito foi ter sido discutido com representantes dos mais diversos setores da sociedade civil de Ribeirão Preto, levando mais de oito meses para ser totalmente elaborado. A vitória é do povo, não é só nossa", afirma o prefeito eleito de Ribeirão Preto.

Palocci nunca perdeu uma eleição desde que ingressou na vida pública, há quatro anos. Em 1988 elegeu-se vereador com mais de 3.500 votos. Em 1990, disputou uma cadeira na Assembléia



Palocci tem "plano consciente"

Legislativa, sendo um dos mais votados do partido, com mais de vinte mil votos. Chegou à Prefeitura de uma das maiores cidades do interior de São Paulo na primeira eleição com dois turnos realizada após a promulgação da nova Constituição, em 1988.

SALTO. A figura do médico, do vereador, do deputado e agora do prefeito Palocci é vitoriosa. Ele saiu do quarto lugar das pesquisas no início do primeiro turno, com apenas 7%, para o segundo, fechando

as eleições com 21,5%. No segundo turno, ele recebeu apoio de quatro vereadores eleitos por outros partidos: Dácio Campos (PMDB), Rafel Silva (PDT), Fernando Chiarelli (PDS) e Delcídes Canelli (PC do B), além dos quatro eleitos pela Frente: Joana Garcia (PT), Isac Jorge (PSDB), Delvita Pereira (PSDB) e Leopoldo Paulino (PSB).

No segundo turno, os candidatos derrotados, Roberto Jábali (PDC) e João Gilberto (PMDB), mantiveram-se neutros, mas liberaram informalmente seus seguidores para votarem em quem quisessem. A maior preocupação no segundo turno, tanto de Palocci como da coordenação da campanha e da militância, eram alguns setores da cidade, fundamentalmente os bairros conhecidos como Complexo Aeroporto, construídos pelo pai de Nogueira nas duas vezes em que foi prefeito. Uma enorme mobilização no sábado, dia 14, espantou o fantasma e Palocci ampliou seus votos no local. Aglutinados aos votos do PMDB e do PDC, a vantagem superava os cem votos em cada urna apurada.

FERNANDO BUENO
Ribeirão Preto, SP



Angela: votos de todos os setores

VITÓRIA, APESAR DA FRAUDE

Diante da multidão de militantes da Frente Brasil Popular postados nas arquibancadas do ginásio do Tênis Clube, o juiz eleitoral anunciou os números finais da disputa pela Prefeitura de São José dos Campos: Angela Guadagnin, do PT, recebeu 93.404 votos (42,8%), der-

rotando assim José do Castro Coimbra, do PTB, que obteve 91.420 votos (41,9%). Foi o sinal para o início da comemoração, tantas vezes adiada nos anos anteriores. O grito já não estava mais "entalado na garganta". Um misto de passeata e carreata percorreu então alguns quilôme-

tros de ruas até o Comitê, tomado a seguir por uma festa que só terminou na manhã do dia seguinte.

A direita sofreu sua segunda grande derrota nos últimos quatro anos, na cidade que é a maior do Vale do Paraíba, com seus 440 mil habitantes, importante parque industrial e centro tecnológico, além de um orçamento para 1993 de 4 trilhões e 400 bilhões de cruzeiros. Em 1989, Lula venceu em São José nos dois turnos, chegando a somar 105 mil votos no segundo turno.

SUSTO. Os fiscais de apuração da Frente primeiro ficaram per-

plexos, apreensivos, depois se assustaram mesmo: em muitas urnas, Coimbra vencera por grande diferença. Seções de um mesmo local de votação apresentavam resultados discrepantes entre si. O susto se explica: no corpo a corpo com os eleitores, no momento das ruas e nas pesquisas do Ibope, em tudo se via uma fácil vitória de Angela. Na pesquisa Ibope de véspera, Angela vencera por 46% a 34%. Na pesquisa de boca-de-urna do mesmo instituto, a margem de 12% favorável a Angela se mantinha: 48% a 36%. Esses números foram divulgados após as 17 horas. Como entender, então, uma vitória por margem tão reduzida - 0,9%?



O PT fez por merecer

Melhor candidato, melhor programa, luta e garra deram vitória contra o poder econômico

Londrina, 15 de novembro, 18h30. Sorriso aberto, rostos ensolarados, entram em campo os fiscais da Coligação Londrina na Frente. São professores, estudantes, médicos, bancários, operários, técnicos, empresários, sindicalistas, padres católicos, evangélicos, militantes antigos e a juventude que está chegando para a política. Homens e mulheres com a garra de quem tinha já a certeza: "Essa é nossa!" Na arquibancada, o sorriso cúmplice e o grito contido da torcida: "Vai lá rapaziada, chegou a nossa hora!".

Nesta altura do campeonato, as pesquisas de boca de urna já indicavam a vitória do médico Luiz Eduardo Cheida, do PT. Mas "precaução e caldo de galinha não fazem mal a ninguém", garantiam todos. Apurar voto por voto foi fácil. Difícil foi conter a alegria e as lágrimas que já teimavam em explodir. "Calma gente, ainda não...", tentavam se segurar a uns aos outros até o apito final.

"E não é que deu?" Chorava, sorria, se abraçava e repetia aquela multidão que não conseguia acreditar...

E não era para menos. Afinal, não foram apenas oito meses de campanha, quase um ano se somados os meses de elaboração do Programa de Governo do PT. Ali, naquele momento, ao lado da candidatura petista estavam representados os anseios de gente de todos os lados, o melhor de todos os partidos

de esquerda e setores progressistas de Londrina, incluindo militantes históricos do PMDB e PSDB que se recusaram a apoiar a candidatura adversária. Cinquenta e oito anos de sonhos nesta cidade jovem.

VELHO SONHO.

Do lado de lá, o time só de pesos pesados. A começar pelo carro-forte da campanha do PSDB em Londrina, o ministro da Indústria e Comércio, o banqueiro Andrade Vieira. Depois vinham o governador, ex-governadores e os grupos econômicos mais fortes da cidade e do estado. Cinquenta e oito anos de poder e mando sobre os nossos sonhos.

E foi este sonho que explodiu sobre a cidade de Londrina no dia 15 de novembro. Um sonho que passou pelos pioneiros que ali chegaram, pelos jovens que sempre embalarão a vida de Londrina e pelo movimento estudantil dos anos 60 e 70, que enfrentou de peito aberto e mão na massa os anos de ditadura. Um sonho que cresceu através das pastorais católicas e dos movimentos populares que deram o tom da criação do PT no início dos anos 80, ao lado de intelectuais e profissionais liberais da cidade. E que se reforçou com a orga-



Cheida: representando os anseios de todos os lados

nização e o crescimento dos sindicalistas na última década.

Agora Londrina é do PT. E é também do PDT, do PPS, do PSB e do PC do B. É de toda a cidade, mas é fundamentalmente de quem ganhou estas eleições: o povo da periferia que luta os conjuntos, os bairros populares e a zona rural de Londrina.

A campanha não foi fácil. Na terceira cidade do sul do país, 230 mil eleitores, o PT ainda é frágil e o preconceito contra ele é imensamente maior do que esta fragilidade. Durante a campanha, um bombardeio de ataques veio de todos os lados e candidatos, através da TV, rádio, jornais e folhetos anônimos de baixo nível. Tudo para atemorizar a população contra os "comunistas, ateus e baderneiros do PT".

Mas o PT ganhou, com 95

mil votos contra cerca de 86 mil do PSDB, que na cidade é conservador, fiel representante dos fortes grupos econômicos que dominam o cenário há décadas no Paraná.

PORQUE PT. O PT ganhou e sabe que não vai ser fácil. Mas a campanha também não foi: sem dinheiro, com poucos quadros políticos, nadando contra a corrente, ele chegou lá. E chegou mais forte e mais maduro, pronto para assumir a responsabilidade de administrar não mais o sonho, mas a realidade de uma cidade que há cerca de 20 anos está estagnada. Uma cidade rica que tem tudo para ser reconstruída num rumo mais feliz, de justiça social, de combate ao desemprego e aos problemas sociais que se avolumaram no município nos últimos anos.

E por que ganhou o PT?

Ganhou porque tinha o melhor candidato, o Cheida, que foi o vereador mais votado em Londrina em 1988, que exerceu seu mandato de forma combativa, que já foi presidente da CUT Regional, já foi do Diretório Nacional do PT, é ecologista, participou ativamente da elaboração do programa de Lula na área de meio ambiente. Um médico, professor e autor de livros didáticos de 38 anos, bonito e com um par de olhos azuis bem abertos desde tempos de movimento estudantil, fundador do PT e agora prefeito.

Ganhou o PT porque ele teve e tem o melhor programa de governo para a cidade, feito por dezenas de mãos. Um programa que foi assumido por todos os partidos da coligação e que conseguiu ser transmitido à população que com ele se identificou.

Ganhou o PT porque, mesmo frágil e ainda pequeno em Londrina, ele é grande o suficiente através da garra dos seus militantes e, através da maturidade de seus dirigentes locais que se somaram, deram as mãos e não deixaram o campo até o aceno do juiz.

Ganhou o PT porque ele não tem promessas de campanhas mas sim um sonho sincero, plantado no chão de terra roxa, que não é de hoje.

Ganhou o PT porque Londrina merece. E o PT fez por merecer Londrina. E vai fazer mais.

CÉLIA REGINA DE SOUZA
Londrina, PR

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS

FRAUDE. São muitas as evidências de que houve fraude no processo de votação, beneficiando o candidato do PTB. Os fiscais de votação do PT estão acostumados a atuar mais como "boqueiros" do que como fiscais; em muitas escolas, eles sequer apareceram nas salas. No início do dia, constatou-se a existência de três urnas com o lacre violado e outra sem o lacre. Onde houve fiscalização mais atuante, certos mesários criaram dificuldades, recorrendo à PM para intimidar os fiscais.

Manoel de Lima Júnior, ex-juiz eleitoral da cidade e assessor jurídico da Frente, confirma que existem "indícios veementes de que houve fraude na votação", a

partir de um conjunto de dados: a comparação das pesquisas do Ibope e da própria Frente com os resultados finais; as irregularidades detectadas nos locais de votação; o cerceamento do trabalho dos fiscais; e a desproporção registrada entre as várias seções de um mesmo local de votação. "A votação tem que ser constante conforme a região. No entanto, ao comparar os resultados obtidos numa determinada urna com os resultados de outra urna, no mesmo local, você percebe que não existe nenhuma relação entre eles: o número são discrepantes", explica.

Interessante é que o candidato do PTB, em suas primeiras declarações aos jornais após o

anúncio da derrota, desceu a ripa no Ibope, responsabilizando-o pela derrota e atribuindo os índices do instituto a "erros grosseiros".

RIGOR TÉCNICO. Analéia Rego, assessora de Comunicação do Ibope, disse ao **Brasil Agora** que a pesquisa de boca-de-urna enquadrava-se nos mesmos padrões de rigor técnico habitual, que levaram o instituto a acertar quase sempre nestas eleições municipais, em todo o Brasil. "No primeiro turno nos saímos muito bem no país todo. No Rio, agora no segundo turno, também acertamos." A pesquisa feita em São José dos Campos no dia 15 de novembro ouviu mil pessoas, entre

as 8h00 e as 14h30. Uma diferença de 11% entre os índices encontrados e o resultado final é inexplicável, a não ser pela fraude.

Márcia Cavalari, diretora técnica do Ibope, baseada em São Paulo, mata a charada com um desafio: "Sendo a diferença tão pequena, é estranho que Coimbra não peça recontagem".

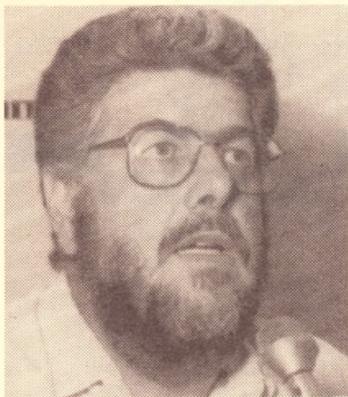
A convicção de que houve fraude torna menos confiável o mapeamento dos votos. Somente após um levantamento mais detalhado será possível presumir em que medida o discurso terrorista de Coimbra fez efeito entre os descamisados, temerosos de perder o emprego que já não têm. Sem dúvida ele colheu votos tam-

bém entre parte da classe média.

APOIO GERAL. Porém, é indiscutível o fato de que Angela recebeu apoios e votos de todos os setores sociais, desde os pobres da periferia até os mais ricos e informados dos bairros centrais. Parte do empresariado, cansada de extorsões e caixinhas cobradas no mais altos gabinetes da Prefeitura, resolveu dar um crédito ao PT. Entre a massa operária, também não resta dúvida: deu Angela na cabeça, mas por outros motivos - a qualidade de vida, o combate ao desemprego, o transporte péssimo e a saúde ídem.

MARCOS SOARES
São José dos Campos, SP

PORQUE APOIAMOS BRASIL AGORA



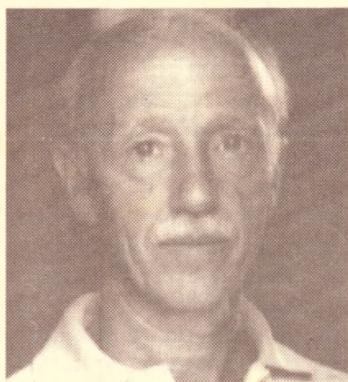
Nós precisamos ver a realidade sob vários ângulos. O **Brasil Agora** mostra aquilo que a grande imprensa não consegue observar.

Walter Barelli
Ministro do Trabalho



Eu assino o **Brasil Agora** porque acho importante um jornal que informe e analise os fatos com honestidade e compromisso com as causas populares.

Lula
Presidente do PT



Brasil Agora é a democracia nos meios de comunicação. Ler seu noticiário e os artigos que publica constitui-se em estímulo para a militância política.

Helio Bicudo
Deputado Federal PT/SP



Assino o **Brasil Agora** porque este é o único jornal que está, cada vez mais, perto do povo.

Benedita da Silva
Deputada Federal/RJ e candidata a Prefeita



Brasil Agora pode ser mais um passo no sentido de democracia nos meios de comunicação. Fortalecer o **Brasil Agora** significa fortalecer a possibilidade de uma brecha no que até agora tem se revelado uma uniformidade na defesa dos interesses de uma elite.

Paulo Betti
Ator



Brasil Agora é leitura obrigatória para todas as pessoas comprometidas com a luta dos trabalhadores, com a liberdade e a democracia.

Luiza Erundina
Prefeita de São Paulo



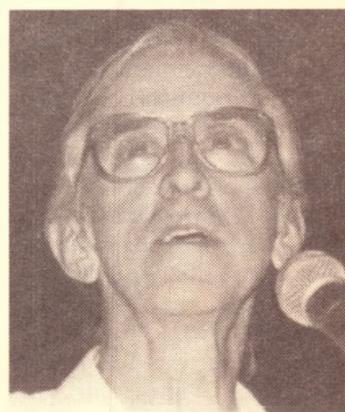
Felizmente o jornal **Brasil Agora** veio pra ficar. Sou leitor assíduo e assinante desde o início. Recomendo a assinatura a todos aqueles que querem ver o outro lado dos fatos, sem o comprometimento dos órgãos de comunicação.

Jair Meneguelli
Presidente da CUT Nacional



Lamentavelmente, em nossa sociedade a comunicação, em sua grande maioria, acaba sendo um fator de esmagamento da consciência crítica e criadora do indivíduo. Por isso, devemos garantir todo o nosso apoio a iniciativas como a edição do **Brasil Agora**, contraponto importantíssimo contra o volume de informações alienantes que recebemos.

Telma de Souza
Prefeita de Santos



A palavra de ordem de hoje, a partir da base, é: o alternativo sempre. **Brasil Agora** é um jornal decididamente alternativo. Diz o que talvez não se diz; defende o que muitos já dão por perdido: a vitória do povo na socialização, na verdadeira democracia também econômica, na paz com justiça e na liberdade livre de neoliberalismos. Não para amanhã, para hoje, agora.

D. Pedro Casaldáliga
Arcebispo de Dom Félix do Araguaia

*Quem acha importante fortalecer um jornal diferente dos outros, assina **Brasil Agora**. E assinando, estará contribuindo para que o jornal se torne melhor, mais ágil e eficiente, passando a semanário.*



Eu assino o **Brasil Agora** porque espelha o pensamento mais progressista do país e aprofunda o debate das grandes questões nacionais.

Olívio Dutra
Prefeito de Porto Alegre



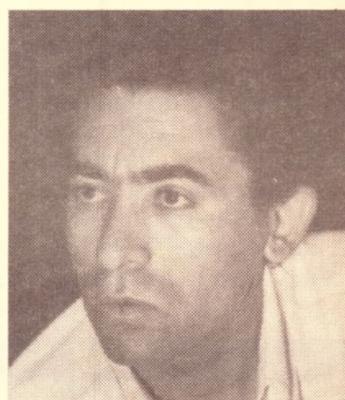
Brasil Agora é o grande instrumento que está permitindo unificar a nossa leitura em nível nacional, contribuindo para a luta libertadora.

Vicentinho
Pres. Sind. Metal. de S. Bernardo e Diadema



Brasil Agora é um jornal de gente nova, com a sua cara! Tem propostas para divulgar o que é barrado pela "grande" imprensa.

Adão Pretto
Deputado Federal PT/RS



A construção de órgãos de comunicação alternativa de esquerda, possibilitando enfocar a problemática social sob um olhar crítico, é fundamental para alcançar a sociedade livre e fraterna que desejamos. Por isso, todo apoio ao **Brasil Agora**.

Durval de Carvalho
Metalúrgico de Campinas, membro da Executiva Nacional da CUT



BRASIL AGORA

